

Pesquisadores de toda a América Latina, uni-vos!

Falando no 1º Seminário Internacional sobre C&T na América Latina: a Universidade como promotora do desenvolvimento Sustentável, promovido pela Unicamp, em 30/7, o presidente da SBPC, Ennio Candotti, propôs que as comunidades científicas da América Latina se adiantem a seus governos e fixem um programa de cooperação de largo prazo, tendo como base a colaboração já existente entre cientistas brasileiros e argentinos.

Para Candotti, é preciso ordenar o que tem sido feito e pensar em novas metas para os próximos dez anos: "Devemos estudar o magnífico laboratório natural que se estende da Amazônia à Patagônia e, mais além, até a Terra do Fogo. É um observatório privilegiado único no Hemisfério Sul, para pesquisas sobre mudanças climáticas, florestas e oceanos: o Atlântico e o Pacífico

co Sul." A seu ver, "programas conjuntos em energia, astrofísica (Projeto Auger), biotecnologias (Cabbio), violência, informática, espaço exterior já existem e podem ser ampliados; falta fixar metas, alvos, prazos. E criar instrumentos de financiamento estáveis para a cooperação". Ele defendeu um plano de cooperação mais larga, latino-americana, muito além do Mercosul.



Enquanto isso, no Mato Grosso, um novo Nero, o imperador da soja, garante: "O progresso da região é fogo!"

Carolina Bori: "Esta foi uma das melhores Reuniões da SBPC"

A ex-presidente e presidente de honra da SBPC fez esta declaração emocionada no encerramento da 56ª Reunião Anual, de 18 a 23/7, no campus da UFMT, em Cuiabá. O elogio, espontâneo e feliz, é a mais perfeita introdução à nossa cobertura do encontro que ocupa quase toda esta edição.

Um gênio das ciências biológicas

Darcy Fontoura de Almeida, professor emérito da UFRJ

Francis Crick (1916, Northampton, Inglaterra), um gênio das ciências biológicas, faleceu em 29/7, de câncer de cólon. Físico de formação, teve sua tese de doutorado interrompida pela 2ª Guerra. Ao retornar à vida civil, em 1947, decidiu se dedicar à biologia, com o objetivo genérico de entender os fenômenos biológicos em termos físico-químicos. Autodidata, revelou que deve muito, nesta fase da vida, a seu amigo George Kreisel, especialista em lógica matemática. Graças à sua ajuda e conselho, foi parar em Cambridge e, eventualmente, no laboratório Cavendish, em 1949, para trabalhar com Max Perutz em estrutura de proteínas. Nesse ambiente, desabrochou de vez, exibindo vivacidade intelectual fora do comum, percepção aguda e original de resultados experimentais, capacidade crítica desconcertante mas justa, ou seja, uma presença que, embora irritante para alguns, era também indispensável.

O americano James Watson, chegado ao Cavendish em 1951, foi o catalisador que lhe faltava,

pois ambos tinham interesse centrado no conhecimento da organização dos genes nos cromossomos. Após algum insucesso, em dois meses de trabalho chegaram, em 1953, à estrutura da famosa hélice dupla. Para isso, não realizaram trabalho experimental algum; valeram-se dos dados obtidos por outros cientistas e da criação de modelos.

A partir de então, Crick tornou-se o líder das pesquisas em biologia e genética moleculares.

A espiral dupla foi convertida em ícone da nova biologia e viria a lhes proporcionar, junto com Maurice Wilkins, o prêmio Nobel em 1962. Estavam abertas as portas que conduziram à Genômica, à Proteômica, à Biologia Computacional.

Antes disso, porém, as bases funcionais da estrutura deveriam ser esmiuçadas, e Crick permaneceu na vanguarda.

Replicação, mutação, código de três bases consecutivas, o dogma central, a idéia do adaptador para a tradução, a noção de um mensageiro intermediário, foram etapas nas quais Crick teve participação notável.

Destruição das raias africanas no RJ: SBPC pede apuração rigorosa

Expressando a indignação da SBPC ante o caso ocorrido no Aeroporto do Galeão, RJ, o presidente da entidade, Ennio Candotti, enviou carta, em 29 de julho, aos ministros da C&T, Saúde, Meio Ambiente, Agricultura e Justiça. Leia a íntegra da mensagem:

"Na sexta feira, 23/7, exemplares raros de raias africanas, trazidas ao Brasil das Ilhas Canárias pelo pesquisador brasileiro Marcelo Carvalho, da USP, foram sumariamente apreendidos e incinerados pelo funcionário José Alberto Correia Cardoso, da vigilância agropecuária do aeroporto do RJ. O material que, por estar preservado em formol, não apresentava qualquer risco de contaminação, havia sido cedido ao pesquisador pelo Governo espanhol e estava devidamente acompanhado por sua documentação de origem. A SBPC manifesta sua profunda indignação pelo deplorável ato de intolerância e prepotência burocrática. Denunciamos a agressão e o cerceamento das atividades de pesquisa científica e o abuso de autoridade do funcionário da vigilância do Ministério da Agricultura que não observou, no exame da questão, elementares normas de civilidade. Solicitamos aos senhores ministros da C&T, Saúde, Meio Ambiente, Agricultura e Justiça, a rigorosa apuração das responsabilidades pela destruição do valioso material de pesquisa e a exemplar punição da prepotência no exercício da função pública. O caso em questão reveste-se de particular importância por ocorrer após a recente manifestação do sr. presiden-

te da República, que, por ocasião do lançamento do programa Importa Fácil, reafirmou o valor estratégico da pesquisa e estabeleceu legislação especial para desburocratizar a importação de materiais e insumos de interesse científico. Lamentamos que a orientação presidencial e as determinações constitucionais de incentivo à ciência (art. 218) não sejam observadas pelos funcionários e instituições de vigilância do Governo, que revelam ignorar o valor do conhecimento científico para a defesa dos interesses da nação. Observamos que fatos como o que aqui denunciemos — intolerância, apreensão e destruição sumária de material de pesquisa — têm ocorrido com grande frequência, indicando que os órgãos responsáveis não têm observado as diretrizes de governo no trato das questões de interesse científico e tecnológico.

A SBPC se coloca à disposição das autoridades para examinar, juntos, as causas da perseverante resistência destas agências em colaborar com o desenvolvimento científico e tecnológico do país e promover uma campanha de informação e treinamento dos funcionários envolvidos nos diferentes ministérios responsáveis pelas ações de controle e licenciamento do Governo."

SBPC muda o nome, não a sigla: Associação Brasileira para o Progresso da Ciência

A mudança exigida pelo novo Código Civil foi referendada pela Assembléia Geral da SBPC de 21 de julho, durante a 56ª Reunião Anual da SBPC, que também aprovou duas moções: uma reivindicando mais recursos para as Ciências Sociais e Humanas e outra de apoio ao PET.

O termo Sociedade, segundo o novo Código Civil, é agora exclusivo a entidades de cunho econômico e comercial, enquanto a palavra sócio torna-se exclusiva dos participantes destas entidades com fins lucrativos.

Daí a mudança de Sociedade para Associação e de sócio para associado, no caso da SBPC e de todas as entidades sem fins lucrativos.

Apesar de passar a chamar-se Associação Brasileira para o Progresso da Ciência, é mantida a sigla histórica — SBPC.

Moções aprovadas - 1) Moção de Apoio ao Programa de Educação Tutorial (PET):

"A Assembléia Geral da SBPC, reconhecendo as valiosas contribuições à Sociedade Brasileira do PET, nos seus 25 anos de existência e atuação na tríade ensino, pesquisa e extensão nas diversas instituições de ensino superior no fomento à formação dos profissionais qualificados atuando nos diversos segmentos da sociedade e contribuindo significativamente com a inclusão social, solicita:

a) o apoio do Governo federal e do parlamento ao Projeto de Lei 4.628/2001, de autoria do deputado federal Inácio Arruda, que regulamenta o PET;

b) garantia de recursos na LOA 2005 da ordem de R\$ 30 milhões necessários à manutenção e desenvolvimento do PET;

c) a imediata liberação da emenda orçamentária da comissão de educação do senado federal no valor de cerca de R\$ 15 milhões para a integralização de todos os grupos com 12 bolsistas e ampliação do programa em no mínimo 300 novos grupos em 2004;

d) manutenção da filosofia do programa, conforme o manual de orientações básicas do PET, publicado no DOU em junho 2002;

e) regularização imediata do pagamento dos professores tutores pela Sesu/MEC.

Resumo da Moção 1: Solicita providências para a melhoria regularização e ampliação do PET."

2) Moção pelo "Fortalecimento das Ciências Humanas e Sociais para o Desenvolvimento Estratégico Brasileiro":

"A Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), reunida em Assembléia Geral Ordinária no dia 20/7/2004, deliberou apre-



sentar à Assembléia Geral da SBPC a seguinte moção:

- considerando a necessidade de Instituições Acadêmicas fortes e autônomas, com áreas de ciências humanas e sociais que apresentem alta capacidade criativa e crítica;

- considerando que as áreas de ciências sociais e humanas têm significado estratégico para o desenvolvimento econômico e social, contribuindo de maneira decisiva para a compreensão dos graves problemas sociais e dos principais desafios ocasionados pela exclusão;

- vem propor à SBPC que gestione junto ao Governo a destinação de recursos de editais, fundos setoriais e outras fontes para a pesquisa sobre

questões sociais — objeto privilegiado de estudo das ciências sociais e humanas — que poderão dar relevantes contribuições a planejamentos estratégicos e formulação de políticas públicas e desenvolvimento de tecnologias sociais e inovação social;

- vem, outrossim, reivindicar que sejam destinados recursos adicionais a grupos emergentes, tanto em termos de regiões e instituições menos favorecidas quanto de pesquisadores iniciantes na carreira científica, nas áreas de ciências sociais e humanas.

Resumo: Propõe-se à SBPC que gestione junto ao Governo a destinação de recursos de editais, fundos setoriais e outras fontes para pesquisas sobre questões sociais que poderão dar relevantes contribuições ao planejamento estratégico e formulação de políticas públicas e desenvolvimento de tecnologias e inovações sociais. Vem, outrossim, reivindicar que sejam destinados recursos adicionais para grupo emergentes, tanto em termos de regiões e instituições menos favorecidas, quanto de pesquisadores iniciantes na carreira científica."

Fortaleza, em 2005, e Florianópolis, 2006: próximas reuniões da SBPC

O Conselho da SBPC, reunido em Cuiabá, aprovou, em 19 de julho, a proposta da realização da 58ª Reunião Anual no *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2006. Fortaleza já se prepara para receber a 57ª Reunião, de 17 a 22 de julho de 2005, no *campus* da Universidade Estadual do Ceará (Uece).

A proposta catarinense foi apresentada pela pró-reitora de Pesquisa da UFSC, Thereza Nogueira, ex-secretária regional da SBPC/SC, e por Claudia Simões, professora da mesma Universidade, e causou excelente impressão. A instituição oferece todas as condições necessárias para um grande encontro, especialmente em virtude de seus grupos de excelência em várias áreas do conhecimento.

O projeto foi aprovado por aclamação: pela primeira vez, uma Reunião Anual da SBPC será realizada em Florianópolis.

Já a comitiva do Ceará — composta pelo reitor da Uece, Jader Onofri Moraes; o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, José Ferreira Nunes; o diretor do Instituto de Estudos, Projetos e Pesquisas, Poti Fontenele; e por Jaques Sampaio, professor da Uece — apresentou um relato sobre os preparativos para a 57ª Reunião Anual.

O encontro na capital cearense conta com o apoio do Governo estadual, e terá muitos de seus eventos transmitidos para cidades do interior, pelo sistema de vídeo-conferência.

Atenção, bolsista da Capes

Mudando de endereço, informe a Capes para receber seu jornal.

ASSOCIADO DA SBPC:

Comunique sua mudança de endereço pelo e-mail terezamaria@sbpcnet.org.br

JORNAL da CIÊNCIA

Publicação quinzenal da SBPC — Associação Brasileira para o Progresso da Ciência

Conselho Editorial: Caetano Ernesto Pereira de Araújo, Crodowaldo Pavan, Ennio Candotti, Fernando Claudio Zawislak, Reinaldo Guimarães, Roberto Romano e José Monserrat Filho (coordenador)

Editor: José Monserrat Filho

Equipe de Redação: Carla Almeida, Luís Henrique Amorim e Daniela Oliveira

Revisão: Aírton Oliveira

Diagramação: Sérgio Santos

Ilustração: Mariano

Gerente: Yedda M. Marcanth

Redação e Publicidade: Av. Venceslau Brás, 71, fundos, casa 27, Botafogo, CEP 22290-140, Rio de Janeiro. Fone: (21) 2295-4846. Fone/fax: (21) 2295-6198. E-mail: ajciencia@alternex.com.br

ISSN 1414-655X

APOIO DO CNPq

SEJA NOSSO ASSINANTE

Jornal da Ciência

24 números: R\$ 75,00 ou grátis para associados quites.

Fone: (21) 2295-5284.

Ciência Hoje

11 números: R\$ 80,00 ou R\$ 64,00 para associados quites. Fone: 0800-26-4846.

Ciência Hoje das Crianças

11 números: R\$ 56,00 ou R\$ 44,80 para associados quites. Fone: 0800-26-4846.

Ciência e Cultura

Vendas e assinaturas. Fone: (11) 6099-9421 / 6099-9626.

Seja associado da SBPC - Peça proposta à SBPC Nacional, à rua Maria Antonia, 294/4º andar, CEP 01222-010, São Paulo, SP. Fone: (11) 3259-2766.

Anuidade normal:

- R\$ 150: profissionais diversos;
- R\$ 110: professor universitário;
- R\$ 80: membro de entidades associadas à SBPC;
- R\$ 70: professor de ensino médio e fundamental;
- R\$ 70: pós-graduando;
- R\$ 45: estudantes de graduação.

Receba o JC e-mail

Edições diárias. Inscreva-se no site www.sbpcnet.org.br. Entre na área JC e-mail e escreva seu nome e e-mail nos campos apropriados.

Conheça Com Ciência

Revista Eletrônica de Jornalismo Científico da SBPC - Labjor. Visite o site: www.ciencia.org.br

"As Universidades deveriam ser sempre tão alegres quanto as Reuniões Anuais da SBPC"

A sessão de encerramento da 56ª Reunião Anual da SBPC, em 23 de julho, não lotou o Teatro da Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá, como na cerimônia de abertura, nem foi tão barulhenta, mas, em compensação, quanto riso, quanta alegria! Esta foi mais uma reunião extremamente feliz, construtiva e bem organizada. Os elogios e os agradecimentos marcaram as despedidas emocionadas. O encontro de Cuiabá ficará na história por suas idéias e clima generosos.

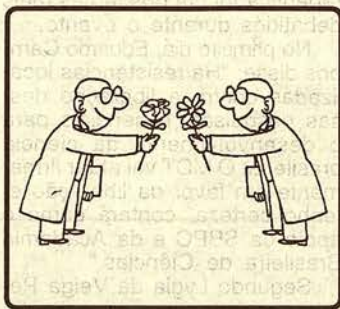
Sempre muito atento e sensível ao nível de emoção, participação e envolvimento das pessoas, Ennio Candotti, presidente da SBPC, foi o primeiro a perceber essa atmosfera, antes mesmo da solenidade final.

Falando à imprensa, ele lançou o mote, aproveitando a rica experiência de mais esta Reunião Anual da SBPC e tendo em vista a reforma universitária tão falada no evento e em debate crescente no país inteiro: "As Universidades deveriam ser sempre tão alegres quanto as Reuniões da SBPC!"

Essa alegria, para Candotti, remete a práticas prazerosas: os estudantes chegam cedo às atividades, por volta de 7-7,30h da manhã, não por estarem obrigados, mas por pura curiosidade; eles, de fato, querem saber como as coisas são e como funcionam; o debate rola fácil e a troca de conhecimentos não fica presa a meras e aborrecidas formalidades — muito pelo contrário, ela flui saborosa, estimulante, inteligente, inesquecível.

O gosto de cada um - Nas Reuniões da SBPC imperam a espontaneidade, a vontade própria e a auto-determinação, a atitude pró-ativa dos estudantes. Cada qual traça seu caminho, busca a resposta que mais lhe intriga, cria, discute, confere, confirma ou muda suas próprias hipóteses. Esse clima deveria reinar sempre e cada vez mais em nossas Universidades, que assim se tornariam fonte constante de criatividade, alegria e satisfação.

Fazer da Universidade uma grande e permanente SBPC, eis a idéia ampla e sugestiva que ficou da Reunião de Cuiabá. O próprio reitor da UFMT, Paulo Speller, gostou do mote e aplicou-o sem demora. Falando por último, após Candotti no ato de encerramento, Speller fez questão de dizer que na próxima segunda-feira, ao voltar à sua vida normal, a UFMT teria novo desafio e nova responsabilidade: a de manter a alegria deixada pela Reunião da SBPC. Alegria materializada em milhares e milhares de pessoas irmanados pelo fascínio do conhecimento, pelos rumos da ciência ou da arte. Não por acaso, a pró-reitora de Pesquisa da UFMT, Marinêz Isaac Marques, observou que "depois de uma Reunião da SBPC a gente nunca mais é a mesma".



O júbilo dos números - Não por acaso, estimou-se que, nesta Reunião da SBPC, 16 mil pessoas em média circularam diariamente no campus da UFMT. A alegria do encontro se traduz em números. A SBPC Sênior, o lugar dos grandes debates, registrou 5.727 inscritos em 185 atividades. Em pôsteres, foram expostos 1.536 trabalhos inéditos, 860 deles de matogrossenses. A 12ª SBPC Jovem — com oficinas, mesas-redondas, a "Usina Jovem de Idéias em Ciências", entre outras atividades — registrou 2.206 inscritos, entre eles 1.227 alunos do ensino fundamental e médio. A "SBPC e a Ciência Indígena" atraiu 300 pessoas, entre eles 210 índios. (Ver p. 10). A 1ª SBPC Cultura e Natureza reuniu 1.286 inscritos, com intenso programa diário, inclusive a série "Encontro de Idéias", composta por mesas-redondas, abrangendo diversas formas de expressão cultural.

A Expociência, montada em tenda de 4 mil m² com mostras de diferentes unidades do MCT, foi inaugurada pelo ministro da C&T, Eduardo Campos, e pelo reitor Paulo Speller. Havia estandes da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen), Centro de Pesquisa Renato Archer (CenPRA), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), Agência Espacial Brasileira (AEB), Instituto Brasileiro de Informação em C&T (Ibict), Museu Paraense Emílio Goeldi, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e Finep.

A "caverna" da Finep foi a maior atração da Expociência: longas filas se formavam à entrada do *tour* virtual, de cerca de 15 minutos, pelo RJ e pela catedral da cidade.

O ministro Eduardo Campos acompanhou com óculos 3D parte da demonstração, produzida pelo Laboratório de Sistemas Integrados da USP.

O aplicativo utilizado na apresentação, o *software Jinx*, pode ser útil no planejamento e policiamento de centros urbanos e também na concepção de centros e museus de ciência.

Portas abertas - Como sempre, o público teve livre o acesso à Reunião da SBPC. Com as portas da Universidade abertas, era só entrar e participar.

A Comunicação Social da UFMT promoveu muito bem o evento. Cuiabá, coberta de cartazes da Reunião da SBPC, viveu intensamente sua preparação e sua festiva realização.

Paulo Speller contou que até o frentista do posto em que abasteceu seu carro durante a semana perguntou como estava indo a Reunião e disse que tentaria ir ao campus para conferir.

Para Paulo Teixeira, coordenador geral da Comissão Organizadora Local da Reunião, esse é seu grande mérito: "Fomentar o diálogo criativo entre a ciência e o público, e a consciência coletiva da importância e do fascínio da ciência."

Ciclos Temáticos - Eles foram o "prato forte" da programação científica de mais esta Reunião Anual da SBPC. Foram cinco ciclos sobre temas de suma atualidade: Desenvolvimento em C&T no Brasil; Pantanal e o Desenvolvimento regional; Diversidade socio-cultural e o Estado Nacional; Ciência na Fronteira; e Universidade Brasileira.

O JC pediu ao presidente da SBPC, Ennio Candotti, um balanço sobre os frutos dos Ciclos. Ele respondeu: "Os ciclos temáticos têm preenchido o objetivo de oferecer, em cinco dias, um quadro multifacetado do tema central escolhido ("A Ciência na Fronteira: Ética e Desenvolvimento", em 2004). Vamos agora reunir este material em textos preparados por jornalistas que colaboram conosco nessa tarefa. E veremos como usar os resultados ao longo do ano. Eles servem para dar diretrizes à SBPC, às Sociedades Científicas e aos interessados no tema nos próximos meses. (Carla Almeida, Daniela Oliveira, José Monserrat Filho e Luís Henrique Amorim)

Poucas & Boas

Nós e a floresta - "A Amazônia é a catedral gótica do século XXI, a forma como a vemos vai moldar nossa visão de mundo. A reflexão, ainda incipiente, da forma como vamos nos relacionar com a região vai moldar o Brasil como nação e a visão que o povo brasileiro terá de si mesmo."

Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo, Prêmio Érico Vanucci Mendes de 2004.

Nós e o futuro da Universidade - "A privatária deve ser combatida."

Luiz Davidovich, físico da UFRJ e diretor da Academia Brasileira de Ciências (ABC), falando sobre a reforma universitária.

Zig sem zag - "O governo do presidente Lula fez um belíssimo zig. Todo mundo esperava que tomasse medidas radicais e que os investidores iriam fugir, mas ele adotou medidas corretíssimas. Mas falta fazer o zag."

Luiz Pinguelli Rosa, físico, ex-presidente da Eletrobrás.

Notícia ruim - O sistema de lançamentos do foguete ucraniano Cyclone-4 a partir de Alcântara, Maranhão, estará operacional em dezembro de 2006, reza o tratado Brasil-Ucrânia firmado em outubro de 2003, na presença de seus respectivos presidentes, criando a empresa binacional Alcântara Cyclone Space para promover estes lançamentos, que serão basicamente comerciais.

Mas o novo presidente da Agência Espacial Brasileira (AEB), Sérgio Gaudenzi, já avisou (*O Estado de SP*, 1º/8) que o início da operação do Cyclone em Alcântara só pode ser pensado lá para 2008. Ou seja, dois anos depois da época fixada no tratado, que já foi ratificado pelo Parlamento da Ucrânia e está tramitando no Congresso Nacional brasileiro.

Confirmada a notícia, o tratado nascerá descumprido.

Notícia boa - O presidente da AEB, porém, informou também: a China propôs ao Brasil lançar o Cbers-2B, repeteco do Cbers-2 (2º Satélite sino-brasileiro de recursos naturais da Terra), que está no ar desde 2003 gerando excelentes imagens, largamente utilizadas na China e no Brasil.

A proposta, feita em recente visita de autoridades chinesas ao Brasil, revela o alto nível de confiança mútua na cooperação entre os dois países. Assim, antes de construir os Cbers-3 e 4 já acordados, Brasil e China terão que se dedicar, rapidamente, à produção do Cbers-2B, tão requerida pela China. É o Brasil como "parceiro estratégico" da China na área espacial. Um bom argumento para convencer a área econômica a liberar dinheiro extra para o Cbers-2B, que ninguém previa.

A magia da SBPC na UFMT

Paulo Speller, reitor da UFMT

Em pleno centro geodésico da América do Sul, equidistante do litoral atlântico e pacífico, a 56ª Reunião Anual da SBPC extrapolou seus objetivos.

Cerca de 16 mil visitantes ocuparam diariamente o *campus* da UFMT em Cuiabá, participando de palestras, mesas redondas, debates e exposições.

Pesquisadores de todo o país e do exterior, estudantes de todos os níveis, da educação básica aos programas de pós-graduação e curiosos de todas as idades e origens trouxeram movimento e alegria ao dia-a-dia da semana de 18 a 23 de julho passado. Cuiabá abraçou literalmente o maior evento científico da América do Sul. A ciência, a tecnologia, a cultura se tornaram acessíveis a todos, como que num passe de mágica.

Mágica construída arduamente por uma equipe de docentes, funcionários e estudantes que ao longo de um ano, mostrou garra e determinação, o que faz de nossas universidades federais as principais instituições produtoras de novos conhecimentos e formadora de professores, cientistas e profissionais com uma consciência transformadora de nossa sociedade, ainda tão injusta e concentradora de renda e bens.

A mágica do trabalho. Mágica que se fez realidade graças ao apoio recebido do Governo do Mato Grosso, que nos últimos anos reconhece o papel estratégico de nossas Universidades públicas, devendo aplicar em 2004 na UFMT perto de R\$ 8 milhões: construção de novos blocos de salas de aula, laboratórios, espaços administrativos, asfaltamento, ampliação e recuperação da infra-estrutura de pesquisa, apoio a grupos de pesquisa e ao desenvolvimento artístico-cultural. Mágica que se realiza com a execução de emendas parlamentares individuais, de bancada e de comissões do Câmara dos Deputados e do Senado ao orçamento da União.

São esses esforços de nossa bancada federal que têm permitido a ainda insuficiente ampliação e recuperação de espaços físicos e da frota de veículos da UFMT. Esforços solidificados com a ação da Assembléia Legislativa de Mato Grosso, reduzindo a zero a alíquota de ICMS aplicado às contas de energia e telefonia da UFMT e demais instituições públicas de educação no MT. Ação que se completa com a presença da Prefeitura de Cuiabá no *campus* da UFMT, trazendo contribuições na limpeza e manutenção paisagística.

O Ministério da C&T, secun-

dado pelo sistema Eletrobrás/Eletronorte e tantas empresas estatais, souberam trazer o seu aporte de recursos para a remodelação do *campus*, com a recuperação das vias asfálticas, reforma de banheiros, pintura de prédios, adequação de salas de aula e auditórios, além de outras pequenas obras de reforma.

O *campus* da UFMT em Cuiabá estava engalanado para a festa da SBPC. Há que se assegurar agora a urgente reposição e ampliação de pessoal docente e técnico-administrativo, assim como a atualização, recuperação e ampliação de laboratórios de ensino e pesquisa, bibliotecas, frotas de veículos, estruturas de informação e comunicação, espaços didáticos, bem como recursos de custeio e manutenção.

Queremos crer que a proposta de reforma universitária anunciada pelo MEC para novembro deste ano e que o orçamento para as Universidades federais em 2005 considerem as demandas de qualidade e expansão que a sociedade brasileira coloca às nossas Universidades públicas. Ainda não nos esqueçamos da frase histórica que o candidato Lula pronunciara em 2002 durante reunião da Andifes na Reitoria da UnB: "Será preciso um presidente sem diploma para dar jeito na Universidade pública brasileira."

Nossas responsabilidades são maiores, depois da reunião da SBPC.

É papel da UFMT, assim como das demais instituições de pesquisa da Amazônia Legal e de todo o país, aprofundar a busca de alternativas de crescimento que rejeitem a paralisia econômica e ao mesmo tempo potencializem o desenvolvimento social e ambientalmente sustentável. Estamos conscientes dessas responsabilidades.

Por isso mesmo, há que se acelerar o compromisso aqui reafirmado pelo ministro Eduardo Campos de se ampliar os recursos para C&T dos atuais 1,2% para 2% do PIB.

A democratização da Universidade pública brasileira se realiza tanto através da produção de conhecimento relevante ao desenvolvimento do país, como também pela ampliação de seus espaços a um contingente cada vez maior de jovens egressos das escolas médias.

Podemos e queremos caminhar nesta direção para cumprir o papel estratégico que o programa do governo Lula nos atribui, assumindo assim a dimensão de "uma Universidade do tamanho do Brasil".

MCT vai lutar para liberar o uso de células-tronco embrionárias

O ministro da C&T, Eduardo Campos, afirmou que a pesquisa com células-tronco é essencial para o desenvolvimento da ciência no país. Ele defendeu esta posição, em sua palestra na 56ª Reunião Anual da SBPC, em 19 de julho, na UFMT, em Cuiabá.

A liberação da clonagem terapêutica foi um dos temas mais debatidos durante o evento.

No primeiro dia, Eduardo Campos disse: "Há resistências localizadas contra a liberação dessas pesquisas, essenciais para o desenvolvimento da ciência brasileira. O MCT vai atuar firmemente em favor da liberação e, tenho certeza, contará como o apoio da SBPC e da Academia Brasileira de Ciências."

Segundo Lygia da Veiga Pereira, geneticista e pesquisadora do Depto. de Biologia do Instituto de Biociências da USP, a comunidade científica neste momento tenta mudar o projeto da Lei de Biossegurança aprovado na Câmara, que, por pressão de parlamentares evangélicos e da Igreja Católica, proíbe o uso dos embriões. "Uma das idéias era separar as células-tronco do projeto. Mas a luta agora é para incluir a emenda do senador Tasso Jereissati (PSDB/CE)."

A emenda permite a pesquisa com embriões desde que observadas as condições de má qualidade para o implante, tempo de congelamento e consentimento dos pais.

"Nós, cientistas, estávamos muito contentes com a Lei de Biossegurança. Mas de repente, de madrugada, por questões de acordos políticos, inseriram no texto o assunto embrião, que nada tem a ver com biossegurança. A questão foi tão mal conduzida que o projeto libera a clonagem terapêutica e proíbe o uso do embrião. Mas para fazer a clonagem terapêutica é necessário o uso do embrião."

Lygia explicou que as pesquisas com células-tronco embrionárias são uma realidade da qual não podemos fugir. "Aprendemos, nos últimos 20 anos, que elas são um material de pesquisa riquíssimo para a ciência básica e aplicada. O Brasil vai ficar para trás se vetar a pesquisa com essas células. Uma proibição tão radical como a que está no projeto da Lei de Biossegurança geraria grande atraso científico e tecnológico dentro de uma área tão quente e promissora quanto a medicina regenerativa", diz a pesquisadora e completa: "O Brasil passou muitos anos investindo na formação de pesquisadores e centros de pesquisa capacitados. Será muito grave se o texto do projeto for aprovado como está. Perdemos a possibilidade de atrair pesquisadores de outros países

que não permitem esse tipo de pesquisa e teremos que assistir essas coisas acontecerem em outros países. Um feto tem um potencial de vida infinitamente maior do que um embrião. Não é adequado dar o mesmo direito a um embrião do que a de um cidadão como nós."

Outra pesquisadora a se pronunciar sobre o tema foi Rosalia Mendez-Otero, da UFRJ. Seu grupo utiliza, em tratamento experimental, células-tronco adultas na recuperação de pacientes que sofreram acidente vascular cerebral (AVC). Ela explicou que as células-tronco são vistas como promissoras nos tratamentos para doenças crônicas degenerativas e lesões traumáticas por poderem se transformar em diferentes células de diversos tecidos e por se replicarem com velocidade. Mas ela frisou que as células-tronco dividem-se em embrionárias e adultas: "As embrionárias são mais polivalentes em relação aos poderes de transformação e de capacidade de divisão."

Por enquanto, ainda não se conseguiu "domar" as células-tronco embrionárias. Elas, quando implantadas nos animais em laboratório, causam muitas vezes cânceres com células de diversos tecidos, fato que prova sua enorme plasticidade.

Mas, segundo ela, esta é uma das áreas mais promissoras dentro da biotecnologia: "O Brasil tem importantes trabalhos com células-tronco adultas, mas nós precisamos poder também pesquisar as células-tronco embrionárias, até para entender melhor as limitações ainda encontradas com as adultas."

Eliane S. Azevedo, professora de Bioética da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) e membro do Conselho Nacional de Bioética, durante sua palestra, provocou ampla discussão a respeito da ética em pesquisa, inclusive no que se refere aos estudos envolvendo células-tronco. "O que me preocupa é a precipitação de quem promete muito aos pacientes quando a ciência ainda nada assegura", considera.

Para Eliane, antes da regulamentação, é preciso cautela e muitos estudos, principalmente no que se refere à liberação dos embriões: "A decisão deve ser responsável, e ser adotada somente depois de se avaliar muito bem as consequências." (Luís Henrique Amorim)

Nem a ausência do ministro Tarso Genro na Reunião Anual da SBPC, para proferir conferência sobre a reforma das Universidades, prejudicou as discussões a respeito. Para o presidente da SBPC, Ennio Candotti, o não comparecimento do ministro mostrou que nada havia de novo, além do anteprojeto preparado até então pelas comissões técnicas do MEC.

Para Candotti, "talvez um traço positivo [da não vinda de Tarso] seja que, ao não dizer nada, ele permite que nos próximos meses se construa uma proposta, na qual dificilmente ele vai interferir negativamente".

Mas houve quem visse na ausência do ministro um sinal de recusa e até de medo de enfrentar a opinião de estudantes e professores numa questão vital para o país. "A simples presença do ministro, mesmo que fosse vaiado, já seria uma vitória política para ele e um impulso de peso para a melhor reforma universitária possível", observou um professor de cabelos brancos.

Autonomia e financiamento - Nelson Maculan, ex-reitor da UFRJ, fez uma apresentação muito peculiar. Ele ora falava em nome do MEC e ora em nome próprio, movendo-se de uma posição para a outra sem nenhum constrangimento. Mais de uma vez, ele preveniu a platéia: "Esta é minha opinião pessoal."

A certa altura, Maculan provocou risos ao afirmar sem rodeios que "o MEC é que atrapalha os reitores", considerando o papel negativo da burocracia do ministério que, muitas vezes, complica e atrasa as soluções.

Aqui, aliás, ele frisou: "Mais do que autonomia, é preciso garantir aos reitores o recebimento dos recursos." Assim, ele procurou enaltecer a importância das Universidades na pesquisa e na solução de grandes questões nacionais e regionais.

Aliança MEC-MCT - Para encaixar melhor certos aspectos da reforma universitária, Maculan propôs ao MEC e ao MCT a instituição de uma comissão executiva interministerial. A seu ver, a participação ativa da área de pesquisa e pós-graduação, sob a égide do MCT, é indispensável ao processo.

O secretário vê uma saída na criação de novas fontes de financiamento público das Universidades, com base na união dos Ministérios do Planejamento, Fazenda e Educação.

"Defendemos o ensino gratuito de qualidade", disse Maculan, lembrando as parcerias que vêm sendo feitas para minimizar os problemas criados com a falta de recursos, como o convênio pretendido com o Ministério dos Esportes que tem por meta me-

"Sem financiamento, autonomia das Universidades é suicídio"

A declaração é Nelson Maculan, Secretário de Ensino Superior do MEC, e foi feita em concorrida palestra sobre a reforma universitária na Reunião Anual da SBPC. Ele defendeu o ensino superior gratuito de qualidade e se mostrou otimista quanto à criação de novas fontes para financiamento das Universidades.

lhorar a qualidade das Faculdades de Educação Física.

Apoio à vinculação orçamentária - Maculan declarou-se favorável à manutenção da vinculação orçamentária para a Educação e a Saúde no Brasil, numa hora em que setores do Ministério da Fazenda acenam com planos de eliminar as ditas vinculações. Ele disse também que é preciso retirar a Educação e a Saúde das ações do Governo ligadas ao superávit primário.

Maculan revelou ter sido "o reitor de goteiras e privadas", quando esteve à frente da UFRJ.

Mais R\$ 200 milhões para Ifes - Maculan anunciou que o MEC definiu um aumento de R\$ 200 milhões para o custeio das 55 instituições federais de ensino, incluindo 44 Universidades, o projeto de Orçamento para 2005. Assim, a proposta a ser encaminhada ao Congresso até 31 de agosto destina o total de R\$ 850 milhões para as Ifes.

Segundo Maculan, também foi aprovado o acréscimo de R\$ 76 milhões ao Orçamento de 2004 para que as Universidades paguem dívidas (água, energia elétrica, entre outros) que se arrastam desde o ano passado.

Mas, na avaliação de Ana Lúcia Gazzola, reitora da UFMG e presidente da Andifes, ainda seriam necessários mais R\$ 44 milhões para "fechar as contas" do corrente ano.

Gazzola diz que os aumentos de tarifas públicas, especialmente de energia elétrica, e gastos

com segurança das Universidades têm aberto rombo nas finanças das instituições. Para a Andifes, seria necessário um orçamento de pelo menos R\$ 1 bilhão, só a título de custeio.

Gazzola entende que, se o governo não expressar de maneira clara seu compromisso com as Universidades federais para 2005, atendendo adequadamente às necessidades orçamentárias quanto ao pessoal, recuperação das condições físicas dos prédios e expansão, "não terá credibilidade para discutir a reforma universitária".

Agência de avaliação - O físico Luiz Davidovich, diretor da Academia Brasileira de Ciências (ABC), defendeu na Reunião Anual da SBPC a criação de entidade similar à Agência Nacional de Vigilância Sanitária para avaliar a qualidade das Universidades públicas e privadas.

Ele sugere que este órgão de avaliação seja associada a um fundo para financiamento das Universidades, que exerceria papel semelhante ao da Capes nos cursos de pós-graduação. A avaliação seria feita na pesquisa, ensino e extensão.

Tal fundo, para Davidovich, seria diferente da matriz atual de financiamento da Universidade, evitando que o congelamento hoje existente.

O fundo distribuiria os recursos de acordo com a avaliação das instituições e as necessidades regionais e locais, com condições de prever os casos de expansão do sistema.

Mudança na diretoria do CNPq

O físico José Roberto Drugowich de Felício foi nomeado diretor de Programas Horizontais e Instrumentais do CNPq, através de portaria publicada no Diário Oficial da União, de 27 de julho.

Drugowich deixa a chefia de Gabinete da Presidência do CNPq e assume a função exercida por José Roberto Leite, que faleceu em 11 de junho último.

A diretoria estava, desde então, interinamente, sob responsabilidade de Carlos Alberto Pittaluga Niederauer.

A Diretoria de Programas Horizontais e Instrumentais é responsável pelos seguintes programas: Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico; Pesquisa em Engenharia; Capacitação Tecnológica e Inovação; Capacitação Tecnológi-

ca e Competitividade; Pesquisa em Engenharias; Pesquisa em Energia; Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais; Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas e Educação; Pesquisa em Ciências Exatas; Pesquisa em Ciências Químicas e Geociências; Pesquisa em Sociedade da Informação; Apoio à P&D e Aplicações; e Apoio à Infra-Estrutura.

Os contatos de cada programa e da diretoria podem ser obtidos no site <www.cnpq.br/contato/ender-dph.htm>

Ciclo básico - A ABC e a SBPC apresentaram recentemente ao MEC proposta de novos conteúdos, programas e paradigmas curriculares para o ensino superior, incluindo a criação de um ciclo preparatório básico.

Para Luiz Davidovich, o ciclo básico do ensino superior daria aos alunos uma formação mais ampla e sólida. "É muito ruim o sistema que temos atualmente, de fazer com que os jovens de 17 anos escolham, no período do vestibular, se já querem fazer uma certa especialidade da engenharia ou uma certa área de ciências", afirma.

Para a instituição, a vantagem do ciclo preparatório é múltipla. "Em primeiro lugar, permite uma avaliação dos estudantes antes de entrarem no ciclo profissional, mais longa, pois os estudantes já estarão nas universidades. Também permite dar aos alunos uma formação mais ampla e até mais motivante. Permitiria, associado a uma redução da carga horária obrigatória, um leque de eletivas extremamente interessantes, que colocaria o estudante imediatamente em confronto com problemas importantes da sociedade atual", detalha Davidovich.

O físico avalia que este sistema permitiria também ampliação de vagas das IES, que poderiam estabelecer cursos menores de formação profissional em outros lugares do país, não apenas nas grandes cidades. Os alunos formados nessas instituições poderiam, posteriormente, se houvesse interesse, continuar seus estudos profissionais nas grandes instituições.

"Estes alunos depois vão para as Universidades que tenham ciclos profissionais nas carreiras que eles queiram seguir. Com isso, não se obriga a ter em cada nova Universidade criada pelo Estado brasileiro várias especialidades, cursos profissionais", explica.

Boa parte desse arcabouço tem de passar pelo Congresso. Mas outra parte depende de mudança na mentalidade dos professores das Universidades, pondera Luiz Davidovich. "Por isso, é muito importante haver uma discussão interna sobre essas questões. É uma nova maneira de estudar, despertar a crítica, a curiosidade dos alunos, emocionar os alunos com a aventura do aprendizado, do conhecimento", considera.

Para a presidente da Andifes, Ana Lúcia Gazzola, o ideal é a criação de um sistema de educação superior com instituições diversas, heterogêneas e com missões diferenciadas. "É mais importante a discussão da flexibilização curricular", diz. (Com dados de Denise Rocha, Flávio Araripe e José Monserat Filho, e da Folha de SP)

"Abrindo o Rikbak encontro uma criança. Pergunto para que serve, para que servirá? O que a vida lhe reserva, sofrimento e miséria, coragem, solidariedade, saber? Com ela, no mesmo Rikbak, encontro maldade, inveja, mentira, e todas as misérias humanas que ela encontrará em seu caminho.

Vejo também um mundo em conflito. Vejo a guerra que os poderosos travam para preservar as misérias. O lucro e a propriedade ocupam nesse berço muito mais espaço que a solidariedade e os direitos humanos.

Vejo queimadas e terras devastadas. Alguns níqueis, árvores cortadas, muito boi pastando e um punhado de grãos misturados com pequenas moedas.

A criança chora. Como se ela já soubesse o que lhe espera. As queimadas e a devastação são de sua terra. Vislumbres sombrios de uma guerra. De seres humanos contra seres humanos. Em busca selvagem por um pouco de sol. Algum alimento. Riqueza de uns, pobreza de muitos.

Se estamos aqui reunidos na SBPC, na Universidade, é porque conhecemos essa história e não queremos que ela aconteça. Que esta criança possa escrever outra. Viemos aqui para isso. Um compromisso de ação e solidariedade nos une.

Para agir, precisamos de uma bússola, alguns princípios e algumas imagens, para ter certeza que estamos falando, perguntando, discutindo a mesma coisa. Imagens da devastação. E da nossa Constituição (dos princípios da ação coletiva):

'A Floresta Amazônica, o Pantanal Matogrossense, a Mata Atlântica são patrimônios nacionais e sua utilização far-se-á na forma da lei. Dentro das condições que assegurem a preservação do meio ambiente;

Preservar os processos ecológicos essenciais, espécies e ecossistemas, preservar a integridade do patrimônio genético. Aquele que degradar o meio ambiente fica obrigado a recuperar o meio ambiente;

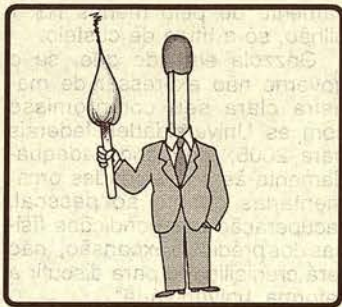
São indisponíveis as terras devolutas ou arrecadadas pelos estados por ações discriminatórias necessárias à proteção dos ecossistemas naturais.

Derrubamos uma ditadura para escrever essa Constituição, entregamos aos nossos filhos um papel estampado. Alguma coisa está errada. 25 mil km² de Floresta Amazônica são derrubados a cada ano. 1/5 da floresta já foi derrubado. Esta é a guerra. Pra quê? Para boi pastar e plantar soja. Se os bois e a soja ganharem, a vida civilizada nessas terras será impossível. Tem por que chorar a criança do Rikbak. É uma guerra nossa. O mundo observa, aguardando o desfecho. Temo que, se o boi ganhar, ele vai invadir o campo. Voraz com jeito e cor de indignado.

Trava-se aqui no Mato Grosso uma batalha de vida ou de

"A Floresta Amazônica é o grande laboratório científico da nossa civilização. Queimá-la é queimar nossa memória e nosso futuro"

O presidente da SBPC, Ennio Candotti, propôs uma moratória na derrubada da floresta, "uma trégua nesta guerra", negociada com a ajuda do governador do MT, Blairo Maggi, e dos ministros Eduardo Campos (C&T) e Marina Silva (Meio Ambiente). A idéia, defendida na abertura da 56ª Reunião Anual da SBPC, em 18 de julho, na UFMT, em Cuiabá, inclui um encontro entre produtores de gado e soja e pesquisadores, para deter o desmatamento com o uso de inovações tecnológicas. Veja aqui o que disse Candotti:



morte para a nossa civilização. Não podemos perdê-la. Não se trata apenas de defender a Constituição e com ela o direito de construir nossa própria história, mas também de construí-la com a caneta que a ciência e o conhecimento nos oferecem.

É de Manoel de Barros, o nosso e nosso poeta, o verso: "Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber: Que o esplendor da manhã não se abre com faca." Sem poesia e ciência não há esperança, e estas, havia esquecido de contar, estão também lá no fundo do Rikbak.

A Floresta Amazônica é o grande laboratório científico da nossa civilização. Queimá-la é queimar a nossa memória e o nosso futuro. Lá estão os segredos da vida e a memória da história natural. As culturas que lá vivem conhecem segredos que os antepassados lhe legaram.

Na sociedade do conhecimento, todos os povos gostariam de ter um laboratório desses, uma floresta em pé. Como vive, de onde extrai seu alimento, como partilha a energia que recebe? Todos gostariam de entender como a seiva chega até o topo das árvores. Ninguém sabe. Os prédios altos precisam de bombas para levar a água até o teto. As árvores, também muito altas, não têm bombas e levam a água até o seu teto.

Derrubar a floresta para boi pastar! Boi dá dinheiro! A madeira se vende na esquina! Com isso posso alimentar a criança que tem fome, diz o pragmático.

Perguntamos: quantas crianças passarão fome quando estas terras degradadas se vingarem e se recusarem a produzir qualquer coisa?

Há uma diferença entre um porrete e uma alavanca. É o ponto de apoio. Com o porrete

posso ferir, com a alavanca levantar um grande peso. A ciência e o conhecimento servem para levantar pesos e não para ameaçar escravos para que levanten pesos, sem alavancas...

Anos atrás diziam que a soja rendia pouco por hectare. Multiplicamos por três a produtividade da soja nos últimos 20 anos. Diziam que não saberíamos extrair petróleo em águas profundas. Extraímos o petróleo.

Afirmamos agora que podemos extrair da floresta grandes riquezas, sem destruí-la. Precisamos de tempo e pedimos que não seja destruída. Procuramos o entendimento. Mas não confundam os inimigos nossos modos civilizados. Estamos dispostos a combater com armas contundentes em defesa da floresta e seus laboratórios naturais.

É intolerável, seria grave omissão, calar diante do triunfo da ignorância. Derrubar a floresta para que bois e soja possam pastar. Contamos com aliados poderosos. O Governo nomeou uma Comissão Interministerial para tratar da questão do desmatamento.

"Vamos reduzir o desmatamento a zero. E encontrar alternativas para o desenvolvimento econômico da região."

O Governo do Mato Grosso criou rigoroso Sistema de Licenciamento Ambiental. Das 45 mil propriedades com mais de 300 ha, cerca de 6 mil estão cadastradas e operam, plantam e desmatam com as devidas licenças. 40 mil, não. 90% das queimadas ocorrem em propriedades não controladas pelo Sistema. Que não é tão rigoroso assim.

É uma batalha difícil, levará algum tempo. Oferecemos nossas melhores forças para contribuir no esforço de colocar ordem na casa. Cobraremos resulta-

dos também com o mesmo rigor e determinação. Afinal não é apenas a Constituição que está em jogo, mas também o futuro do estado. O Parque do Xingu e o Pantanal, símbolos do estado, correm perigo de devastação. Ao destruir as matas ciliares comprometem-se as cabeceiras dos rios. O Parque do Xingu está ameaçado pelo desmatamento que ocorre ao norte de Mato Grosso entre a Br-163 e a Br-158.

O próprio Pantanal sofre progressivo assoreamento devido ao desmatamento nas cabeceiras dos rios que o alimentam.

Perguntamos se a Comissão Interministerial utilizou todas as armas a seu dispor nessa guerra. Temos notícia que o crédito agrícola oferecido pelo Governo não está sempre vinculado às necessárias licenças para desmatar. Incentiva-se a pecuária e o plantio de soja sem pensar em alternativas para a ocupação dos solos. Pesquisadores da Embrapa sugerem a utilização de áreas degradadas convenientemente tratadas para plantio e criação de gado. Dizem estudos que é possível dobrar a produção de grãos e bois sem derrubar nenhuma árvore. É claro, a criação de gado pode ser feita em pastos menores utilizando alimentos que a tecnologia moderna sabe produzir.

Oferecemos idéias como essas, e temos muitas outras em nossos laboratórios, em troca de uma trégua nessa guerra.

Para negociar essa trégua gostaríamos de contar com o governador Blairo Maggi e com o ministro Eduardo Campos, e não temos dúvidas de que a ministra Marina Silva colaborará. Vamos juntos promover um encontro entre produtores de gado e soja e a comunidade científica, e colocar na mesa de negociações uma moratória na derrubada da floresta. Vamos reduzir o desmatamento a zero. Vamos encontrar alternativas para o desenvolvimento econômico da região. Vamos buscar juntos as idéias e o dinheiro necessários para alcançar esse objetivo antes que a velhice adormeça a esperança da criança do nosso Rikbak. De nossa parte, levaremos para a mesa de negociações o que temos de mais precioso: a generosidade dos jovens brasileiros, nossos alunos das escolas e das Universidades, que entendem a fronteira, essa do desmatamento, como uma fronteira do conhecimento.

Um conhecimento que deve promover a solidariedade e não a discórdia. Entre nós e a natureza em que vivemos. Os jovens são generosos e radicais em seus ideais. Não perdoam conversas para boi pastar.

Tempos atrás, apresentei ao Conselho Nacional de C&T e ao senhor presidente da República proposta para converter 1/3 da dívida do Governo com a comuni-

(Continua na página seguinte)

"Fixar mil doutores na Amazônia"

(Continuação da página 6)

dade científica, que hoje soma cerca de R\$ 3 bilhões, em um programa de bolsas para a formação de pesquisadores e técnicos especializados em questões de C&T próprias da Floresta Amazônica. Calculei que assim o Governo poderia pagar essa dívida em suaves prestações de R\$ 15 milhões por mês. Sem juros adicionais. Condições muito mais civilizadas do que as impostas pelo FMI. Com esses recursos, poderíamos custear a formação em seis anos de cinco mil engenheiros, sanitaristas, botânicos, agrônomos, antropólogos e fixar já na região mil pesquisadores e especialistas de sólida formação que colaborem com os que aqui já se encontram. Seria um bom começo. Concreto.

E, também, a Constituição ficaria contente, afinal ela determina (Cap.V): 1º Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológica. A pesquisa básica receberá tratamento prioritário do Estado, tendo em vista o bem público e o progresso das ciências.

E mais, o Estado apoiará a formação de recursos humanos nas áreas de ciência, pesquisa e tecnologia e concederá aos que delas se ocupem meios e condições especiais de trabalho.

Mas teria também trabalho para a nossa Universidade e seus estudantes, se está claro o desafio de nosso tempo, vencer esta batalha. Encontrar um substituto para o boi e a soja, vantajoso para a economia e para a ciência. Mostrar que uma árvore em pé vale mais do que uma árvore deitada, como dizem os meus alunos. Vamos redesenhar a nossa Universidade. Estamos em tempos de reforma, por que não ousar pensar em uma nova Universidade, onde esse grande desafio do nosso tempo possa encontrar resposta que atenda aos imperativos do desenvolvimento e do conhecimento!

As comissões que estão reunindo as idéias que surgem dos debates realizados em todo o país verificaram que esta aspiração une a todos. Antes de pensar em modos de gestão, em avaliações e vestibulares, vamos pensar onde queremos chegar, como formar em tempos de cólera cidadãos capazes de usar o conhecimento para construir um país digno, onde haja também lugar para boi pastar e a soja florir sem que para isso seja necessário derrubar a floresta e contar histórias para boi dormir.

Aliás, devemos, sim, contar histórias, mas para embalar a criança que ainda dorme no nosso Rikbak, pelo menos enquanto os males dele saírem e a esperança lá permanecer."

Proposta de moratória no desmatamento da Amazônia causa polêmica no Mato Grosso

A proposta pela SBPC de trégua na derrubada das florestas na Amazônia, por via de acordo entre produtores de gado e soja e a comunidade científica, não foi bem recebida pelo governador do Mato Grosso, Blairo Maggi. Para ele, o crescimento econômico do MT depende da expansão agrícola e pecuária, que não pode ser freada. No seio da comunidade científica, o mais comentado no discurso de Ennio Candotti foi a proposta de cinco mil bolsas para formação de doutores na região.

"Sou contra a moratória para o Estado de Mato Grosso", disse o governador Blairo Maggi, na abertura da Reunião Anual.

Segundo Maggi, detentor do título de maior produtor individual de soja do mundo, Mato Grosso ainda tem uma margem de 12% a 15% para plantar grãos ou pastagem para gado.

Na sua avaliação, o estado ainda precisa crescer e isso só vai acontecer se o modelo desenvolvimentista atualmente em execução for mantido.

"Não podemos abrir mão do nosso desenvolvimento. Hoje, de 25% a 28% de nossa área estão sendo utilizados para a agricultura ou para a pecuária. Podemos chegar até o percentual de 40% e iremos fazer isso. Preguar a moratória é ser contra nosso crescimento."

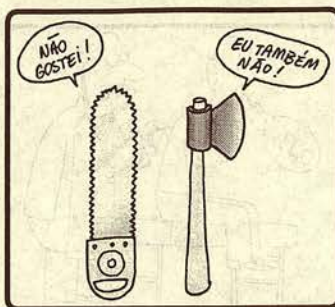
Segundo o Ministério do Meio Ambiente, 44% dos 22.750 km da Floresta Amazônica desmatada no país em 2003, primeiro ano da gestão de Blairo Maggi, foram em Mato Grosso.

Moratória é o caminho - Para Carlos Nobre, pesquisador do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a idéia lançada pelo presidente da SBPC na abertura da Reunião Anual de negociar uma moratória na derrubada da floresta Amazônica é necessária e pode ser o caminho para atenuar a grave situação do desmatamento na região.

Nobre lembrou a situação existente há alguns anos, quando o então ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, viu-se obrigado a decretar "uma moratória nas queimadas, durante certo período, porque a situação ficou irrespirável literalmente".

Segundo o pesquisador, a poluição na região amazônica de Mato Grosso era mais alta que a do centro de SP durante o inverno rigoroso. E a intervenção do governo surtiu efeito: "Foi algo forte, decretou-se um embargo completo dos desmatamentos e das queimadas. Isso teve um efeito psicológico grande, as queimadas chegaram a reduzir 40% na época", afirmou.

Nobre ressaltou, porém, que é preciso mobilizar principalmente o setor empresarial. "Acho que a proposta de Ennio Candotti, se conseguir envolver os empresários construtivamente, é o caminho. Porque é preciso conscientizá-los de que o caminho atual não vai levar a lugar algum, é um ganho muito rápido



por alguns anos e depois se perde a base", argumentou.

O pesquisador do Inpe apresentou na Reunião Anual da SBPC dados referentes aos efeitos do desmatamento na situação do clima do planeta.

Diferentes modelos climáticos apresentam um cenário trágico para 2100. O aumento substancial na concentração de CO₂ na atmosfera levaria a temperatura da América do Sul a aumentar de 2 a 6 graus até o final deste século.

Os biomas também seriam afetados. Nobre mostrou que, no Brasil, as florestas desapareceriam, o cerrado aumentaria e o semi-árido poderia ficar ainda mais seco.

Diante dessas projeções, afirmou o pesquisador do Inpe, há duas opções para o país: a mitigação, contribuindo com o esforço mundial na redução de emissores de CO₂, ou a adaptação às adversidades advindas da mudança climática.

"Não sabemos o que nos reserva nessa área. Então, não vamos pagar para ver. Temos que diminuir brutalmente a emissão de CO₂ e mudar o paradigma da geração de energia e do uso dos recursos naturais e florestais do planeta", resumiu Nobre.

Segundo o pesquisador, a maior fonte de emissão de gases no Brasil é proveniente principalmente da utilização da terra com o desmatamento, que responde por 200 a 300 milhões de toneladas de CO₂ por ano, e não tanto da queima de combustíveis fósseis.

"É no desmatamento que o Brasil pode atuar para alcançar um índice quantitativo de redução na emissão do CO₂", sustenta o pesquisador.

Bolsa não fixa doutor na Amazônia - Para o pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Adalberto Val, criar bolsas para doutores na região, como propõe Ennio Candotti, não adianta. "No Sudeste, sobram dois mil doutores

por ano. Eles têm que ter incentivo para se deslocarem para a Amazônia. Este incentivo tem que ser emprego fixo. No meu laboratório no Inpa, havia uma pós-doutora com uma bolsa de R\$ 7 mil, mas era apenas uma bolsa. Ela passou num concurso para o Instituto Butantan, que oferecia metade do dinheiro, e foi."

Uma das consequências da falta de recursos humanos na região apontada por Adalberto Val é o sub-aproveitamento da biodiversidade da Amazônia por brasileiros.

"Outros países estão muito mais atentos. O Inpa mantém cooperação com Canadá, Japão, Alemanha, França, Espanha, Rússia, Finlândia, entre outros países. O interesse é porque não existe lugar no mundo com tamanha diversidade biológica. O problema é que cooperação sem dinheiro é colonização. O viés da pesquisa atende muito mais ao país parceiro do que ao nosso", avalia Adalberto Val.

Os resultados são claros: neste ano, dos 430 artigos publicados sobre a Amazônia apenas 111 são de pesquisadores residentes no Brasil.

Segundo ele, as leis não são eficientes no combate à biopirataria: "O conhecimento e a informação são as únicas formas de se proteger a nossa biodiversidade. Não há como dizer para um peixe não atravessar a fronteira ou proibir que uma ave com uma sementinha em sua barriga migre daqui para o Canadá."

Apesar de admitir que hoje há sinais de mais investimentos na pesquisa na Amazônia, Adalberto Val diz que isso ainda é pouco. Além do aumento de recursos, é necessária uma melhor distribuição do dinheiro entre as diferentes regiões.

O pesquisador sugere que a reforma universitária repense a questão das diferenças regionais das Universidades. "Não se pode pensar uma Universidade nos pampas como uma Universidade na Amazônia. Precisamos abrir vagas fixas para pesquisadores na Amazônia e não criar bolsas para doutores."

Ennio Candotti entende a posição de Adalberto Val: "Ele está certo. Minha proposta é um clamor, um grito de socorro. É claro que precisamos de mais dinheiro e de formas de fixação. O fato é que, quando se cria um sistema de bolsas, há muita cobrança, e é difícil acabar com ele." (Com dados de Daniela Oliveira, Luís Henrique Amorim e da Pau e Prosa Comunicação)

Brasil precisa de órgão de fomento à pesquisa de C&T em Saúde

A criação de uma agência de incentivo à inovação em saúde foi proposta no ato de abertura da 2ª Conferência Nacional de C&T e Inovação em Saúde, realizada de 25 a 28 de julho, em Brasília.

Quem primeiro lançou a idéia foi o secretário-executivo do Ministério da Saúde, Gastão Wagner, que fez um dos discursos na sessão de abertura do evento. "Precisamos ter uma instituição, no âmbito do Ministério da Saúde, que opere este sistema, tanto para dar agilidade e permitir a integração com outros ministérios, mas principalmente para que essa política não fique refém dos governantes e tenha estabilidade institucional. Precisamos ter um conselho diretor de pesquisa e saúde do SUS que dirija um órgão de fomento, que construa uma agenda a cada ano e que combine a ação científica com a ação dos gestores públicos."

A SBPC, através de seu presidente, também defendeu a criação de uma agência de fomento, mais independente do governo. "Essa é uma idéia que defendo há tempos", afirmou Ennio Candotti, que integrou a mesa de autoridades na cerimônia.

Tarefa interministerial - Em seu discurso inaugural da Conferência, o diretor do Departamento de C&T do Ministério da Saúde, Reinaldo Guimarães, declarou que é preciso incorporar o tema da CT&I em Saúde ao repertório da reforma sanitária brasileira e ao rol das tarefas importantes do Sistema Único de Saúde.

"Essa tarefa enfatiza o caráter inter-setorial das Conferências de C&T em Saúde e a participação obrigatória e relevante dos Ministérios da Educação e de C&T na convocação e organização das mesmas", salientou



Reinaldo Guimarães, que coordenou os trabalhos preparativos do evento.

Violência - Outro tema destacado pelas autoridades presentes foi a questão da violência urbana, que tem feito inúmeras vítimas entre os adolescentes brasileiros, principalmente do sexo masculino.

"Devemos aproveitar essa conferência também para chamar atenção para o fato de que os adolescentes brasileiros estão sendo mortos vítimas da violência, lembrando que ano que vem, o Brasil deverá optar ou não pelo desarmamento", disse o secretário-executivo do Ministério da Saúde.

O presidente da Capes, Jorge Guimarães, que representou o ministro da Educação, Tarso Genro, no evento, também chamou a atenção para o fato. Lembrou que há poucos estudos sendo feitos no Brasil nessa área, embora seja um problema que atinge os jovens e afeta diretamente a saúde pública no Brasil. (Humberto Rezende)

Brasil: estão faltando taxonomistas

O alerta foi dado por Luís Henrique Z. Branco, professor da Unesp, em palestra na 56ª Reunião Anual da SBPC. Para ele, o conhecimento da biodiversidade no Brasil ainda é insatisfatório.

"Conhecemos apenas 10% dos seres que existem no país. Entre ácaros, algas, bactérias, invertebrados aquáticos e muitos outros, nosso conhecimento é pequeno. Até há regiões em que o estudo está mais avançado, mas é preciso espalhar isto para o resto do Brasil."

Um dos problemas é a falta de profissionais em taxonomia.

"Não adianta se buscar uma proteína se você não conhece o organismo. Não adianta dizer que é uma bactéria, tem que dizer que é tal bactéria. A falta de taxonomistas pode vir a ser um problema não muito distante para o Brasil. E a formação de

um especialista leva tempo, pois necessita-se de um estudo prolongado, tempo de observação das inúmeras espécies e saber detalhes de cada uma."

Para ele, o problema pode se agravar com a aposentadoria dos taxonomistas mais experientes. "Sei que a taxonomia é tida como chata, mas é preciso mostrar que ela é uma ciência dinâmica e muito importante."

Área de trabalho, sustenta Branco, existe. Ele contou que estudos realizados pelo seu grupo descobriram enorme número de novas espécies de macroalgas em análises nas águas de Bonito (MS), por exemplo. (LHA)

MCT criará Laboratório Nacional de Micro e Nanotecnologia

O anúncio foi feito pelo coordenador do Programa de Nanotecnologia do MCT, Alfredo de Souza Mendes, durante simpósio na Reunião Anual da SBPC. Projeto deve custar R\$ 30 milhões.

Desde 2001, o MCT investe no setor de tecnologias e dispositivos na escala do milionésimo de milímetro - uma revolução que vai do desenvolvimento de novos materiais à evolução e miniaturização de computadores. Naquele ano, durante o Governo FHC, foram criadas quatro redes de nanotecnologia, que interligam cientistas principalmente no Sudeste e no Nordeste. Em 2002, começou a se delinear a proposta de um centro de excelência em nanotecnologia. O projeto tinha execução planejada para 2003, mas foi engavetado durante a gestão de Roberto Amaral no ministério.

Com a substituição de Amaral por Eduardo Campos e a nomeação do físico Cylon Gonçalves da Silva para o cargo de secretário do MCT, o projeto voltou à baila. Foi justamente desse pesquisador que partiu a proposta.

Os recursos ainda são escassos, mas representam uma sinalização positiva de que o governo pretende priorizar a área, segundo Mendes. "Agora sim temos um programa estruturado para nanotecnologia, respaldado pelo Plano Plurianual", disse.

O documento-mestre da gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva prevê dispêndios em ações ligadas ao programa da ordem de R\$ 77,7 milhões, entre 2005 e 2007. Só no ano que vem, seriam consumidos R\$ 20,6 milhões.

Ainda é pouco, perto do que outros países têm investido no setor. Os investimentos mundiais em nanotecnologia são da ordem de US\$ 2 bilhões por ano. Mas espera-se que em uma década haja um mercado de cerca de US\$ 1 trilhão para os produtos desta área.

No mesmo simpósio, Henrique Toma, da Universidade de São Paulo, e Elson Longo, da Universidade Federal de São Carlos, mostraram que já há produtos baseados em processos nanométricos como o millipede da IBM, que não deve tardar a chegar ao mercado. O novo sistema de armazenamento de informações é do tamanho de um selo postal e tem capacidade de 100 GB. Foram citados outros exemplos que já são comercializados como a película que evita riscos em óculos, os vidros autolimpantes, os materiais nanométricos para acompanhamento de tumor e as nanodrogas - que podem ser comandadas por magnetismo e com isso serem melhor administradas.

Investimento privado - Em entrevista ao *Jornal da Ciência*, Toma disse que "no Brasil, as empresas ainda não acordaram para o mundo da nanotecnologia". Para ele, o Brasil não pode perder o bonde da nanotecnologia como aconteceu com a microeletrônica.

"A comunidade científica está consciente. Isso eu garanto que está, mas ela está sem força e aparato. Ela não é competitiva e a indústria não acordou ainda. A indústria é que tem que injetar dinheiro para este setor porque nanotecnologia é produto e produto interessa à indústria."

Para Toma, as empresas não sabem o que é nano. "Tem que começar com um processo de educação científica. Tem que se explicar para empresário o que é nano e onde ele pode ter vantagem e interesse nisso. Governo e empresa têm que andar juntos, mas hoje a defasagem está no setor empresarial".

Repercussão - Depois do anúncio, alguns pesquisadores questionaram a criação do instituto. Eles temem que o projeto enfraqueça o sistema atual de pesquisa em nanotecnologia, que é estruturado em redes.

"O projeto de um laboratório é concentrador e foge ao caráter federativo do MCT", considera o físico Carlos Alberto Achete, da Coppe/UFRJ, que participou da elaboração de um documento contrário à criação do laboratório. A carta, endereçada ao ministro da C&T, Eduardo Campos, conta com a assinatura de oito pesquisadores da UFRJ, PUC-Rio, Uerj e CBPF, que integram o Instituto Virtual de Nanociência e Nanotecnologia da Faperj. Os químicos da UFPE, Oscar Malta e Petrus Santa Cruz também são contra. "Antes tínhamos pesquisadores trabalhando em nanotecnologia isoladamente. Agora todos interagem", diz Petrus.

Para Cylon, a criação do instituto não afetará o funcionamento das redes: "O Brasil precisa das duas coisas: do instituto e das redes. Uma não exclui a outra". O físico disse que nesta semana se reunirá na fábrica Gradiente de SP uma comissão criada para definir, em três meses, localização, estrutura e áreas de foco do instituto. "Será um instituto intimamente articulado com a indústria", avisa. (Luís Henrique Amorim, com dados da Folha de SP e do *Jornal do Commercio de Recife*)

O ministro expôs o Plano Estratégico do MCT para o quadriênio 2004-2007, subordinado ao Plano Plurianual do Governo federal e balizado pelas conclusões da 2ª Conferência Nacional de C&T, realizada em 2001.

O Plano prevê a transformação do atual sistema de C&T, hoje concentrado nas ações do Governo federal, em um projeto nacional, com participação mais ampla de instituições públicas e privadas, em todas as regiões e setores. E suas diretrizes devem possibilitar, segundo o ministro, um crescimento significativo nos investimentos em C&T.

Segundo as metas apresentadas, os investimentos do CNPq alcançarão R\$ 663 milhões, em 2004, e serão distribuídas pela agência, somando-se todas as categorias de bolsas, 55 mil benefícios, 19 mil para iniciação científica.

Mas a previsão mais ousada anunciada pelo ministro foi de que, nos próximos três anos, os investimentos totais do Governo federal em C&T chegarão a R\$ 37,6 bilhões — 54% a mais do que os R\$ 24,4 bilhões investidos de 2000 a 2003.

A ousadia coincide com a proposta do presidente Lula de chegar a 2007 com investimento de 2% do PIB em C&T, meta reiterada pelo ministro na abertura do evento no domingo, dia 18, e repetida na conferência.

Eduardo Campos, "um parlamentar e não um cientista", como se apresentou, afirmou que tem se empenhado em colocar o tema de sua pasta no centro das decisões do Governo. A reativação do Conselho Nacional de C&T (CCT), órgão de consultoria da Presidência da República para o setor, é indicação de que um passo importante já foi dado nessa direção.

Ele promete ir adiante, em 2005. Pretende recuperar, com recursos do Tesouro Nacional, o orçamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), que aloca o dinheiro arrecadado pelos fundos setoriais. "É preciso reanimar o FNDCT", enfatizou.

Além disso, um novo fundo do BNDES, que ainda depende de alguns mecanismos legais, irá complementar os fundos setoriais. O Fundo de Pesquisa de C&T (Funtec) deve arrecadar R\$ 180 milhões este ano, que serão utilizados para financiar projetos aprovados e encaminhados pela Finep.

Em relação aos recursos dos fundos setoriais em reserva de contingência — cerca de R\$ 3 bilhões —, o ministro assinalou que, segundo previsão do Ministério da Fazenda, serão gradualmente descontingenciados, a começar ainda este ano.

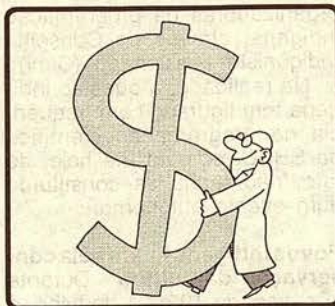
Eduardo Campos destacou, ainda, entre as ações do MCT no

37,6 bilhões para C&T, em 2004-07 — 54% a mais do que em 2000-03

Anunciou o ministro da C&T, Eduardo Campos, ao proferir a primeira conferência da 56ª Reunião Anual da SBPC, na manhã de 19 de julho, assegurando aumentos significativos nos números da C&T e inovação neste e nos próximos anos. Por Carla Almeida

âmbito da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, a importância da Lei de Inovação, aprovada na Câmara dos Deputados e agora em exame no Senado. Para ele, a nova legislação constituirá ambiente propício a parcerias estratégicas entre as Universidades, institutos tecnológicos e empresas, e estimulará a participação de instituições de C&T no processo de inovação. Além das metas mais amplas do MCT, Eduardo Campos anunciou as metas estratégicas do ministério, entre os quais enfatizou o programa espacial, o programa nuclear, a Amazônia, o Cerrado, o Pantanal, o Semi-Árido e a plataforma marítima brasileira.

O ministro declarou que estão no centro das prioridades do Governo Lula as questões relativas à Amazônia, umas das principais preocupações da SBPC, tema central do discurso de abertu-



tura do presidente da entidade, Ennio Candotti. (Veja nas pp. 6 e 7)

A Amazônia, a seu ver, "não tem apenas importância estratégica nos contextos dos territórios nacional e continental, mas também pelo que representa o patrimônio de sua biodiversidade, ainda a ser totalmente dimensionado, alvo constante de atenções internacionais".

Sob a coordenação da geógrafa Bertha Becker, o MCT ela-

bora diagnóstico, a ser concluído em agosto, sobre as ações de C&T na região. Segundo Eduardo Campos, o documento será encaminhado à SBPC, entre outras instituições, para aprofundar o debate em torno do tema.

O ministro adiantou que, em decorrência do programa transversal dos fundos setoriais, R\$ 15 milhões serão empregados até dezembro para o financiamento de bolsas de mestrado e de doutorado na Amazônia, entre outras finalidades.

"O CNPq dispõe de recursos para conceder, até o final do ano, 200 bolsas de iniciação científica e duas mil bolsas de iniciação científica júnior para estudantes da região", afirmou.

Diante dos números e metas apresentados, Eduardo Campos reconheceu que o Brasil ainda tem longo caminho pela frente para conquistar seu lugar na C&T mundial — apenas 1,5% de artigos publicados em periódicos internacionais é produzido por brasileiros, e o número de patentes registradas pelo país é irrisório —, mas acredita que finalmente "o Brasil reencontrou seu rumo e ele está demarcado pela decisão de investir em C&T e inovação, como política estratégica e permanente de Estado".

Pantanal: contingenciamento afeta pesquisa

Paulo Teixeira, pró-reitor da UFMT e secretário executivo do Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP), revelou na Reunião Anual da SBPC que, em 2004, os recursos destinados ao centro foram reduzidos de R\$ 890 mil para R\$ 640 mil, por conta do contingenciamento. Por Daniela Oliveira

O acordo de parceria entre o CPP e o MCT foi assinado no início de julho, prevendo o investimento de R\$ 2,5 milhões para os próximos quatro anos. Em 2004, serão aplicados cerca de R\$ 640 mil. Segundo Paulo Teixeira, a previsão era de R\$ 890 mil, mas parte do valor foi para a reserva de contingência.

"Perdemos mais de R\$ 200 mil por causa do contingenciamento, que o governo insiste em dizer que não existe", frisou ele, ao expor as diretrizes do CPP no simpósio "Ciência e Tecnologia para o futuro do Pantanal".

O CPP nasceu em 2002, mas, no dizer de Paulo Teixeira, a ideia de criar um órgão gerenciador de ações para atender a demanda de conservação do Pantanal e o desenvolvimento sustentável surgiu em 2001, quando a região foi declarada Patrimônio da Humanidade: "Era preciso fazer algo para produzir conhecimento e pessoal capacitado na área de C&T, que pudesse propor políticas públicas para a região do Pantanal."

Fruto de parceria entre a UFMT, UFMS, Universidade das Nações Unidas (UNU) e instituições de Bolívia e Paraguai, o CPP concentra suas ações para

financiar pesquisas em três eixos principais: pesca, gado e alternativas econômicas.

O Programa de Desenvolvimento Sustentável do Pantanal, do Ministério do Meio Ambiente (MMA), foi implementado em 2001, com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), para promover o desenvolvimento sustentável nos municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai (BAP), em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Valmir Gabriel Ortega, assessor especial do MMA, informou que o contrato inicial com o BID fixa o aporte de 182 milhões de euros (cerca de R\$ 600 milhões).

Mas o programa, sobretudo na área financeira, passa por reavaliação. "Como ele está concentrado no MMA, há problemas para entrada de recursos. O orçamento é 150% maior que o do ministério", explicou Valmir.

Neste sentido, já se prevê para 2005 a inclusão dos Ministérios das Cidades e dos Transportes na execução de partes do programa. O valor do contrato também será revisto.

O MMA espera que a renegociação aconteça entre agosto e setembro e que, já em 2005, o

Programa Pantanal esteja operando nos novos termos.

O Programa Pantanal contempla desde a gestão de recursos hídricos, de solos e agrotóxicos, até a proteção e gestão dos ecossistemas, da ictiofauna (recursos pesqueiros) e de toda a rica fauna local.

O programa também se preocupa com o investimento em saneamento urbano. "É preciso resolver o problema do saneamento nas principais cidades que desaguam esgoto no Pantanal", avaliou Valmir. Ele lamentou que o Mato Grosso não participe da primeira fase do programa, pois cinco de suas cidades respondem por 70% do esgoto que deságua na região do Pantanal.

Outra linha de ação do Programa Pantanal é de apoiar povos indígenas, criando mecanismos econômicos ambientalmente sustentáveis para as comunidades que vivem na região.

O apoio a atividades econômicas ambientalmente sustentáveis também está previsto no programa do MMA. "A promoção de atividades ligadas ao ecoturismo ainda é incipiente, considerando o potencial que o Pantanal tem e que pode ser incentivado", comentou Valmir Ortega.

Moça, tudo aqui antes era de nós, tudo esse sertão. Aí vieram os fazendeiros e soltaram boi em cima de nós. Nós e o gado tudo numa misturada. Nós matamos boi e comemos. Fazendeiro descobria e vinha armado de arma de fogo e tinha jagunço pra matar a gente. Lutamos. Nós morremos muito. Depois veio mais gado, mais gado e nós no meio do gado. Hoje o gado tá no curral, nós também. Nós no curral e nós de peão, trabalhando pra quem matou em bocado de nós. E faz muito tempo que a gente é peão. Se a gente tivesse jeito, matava tudo esse povo ladrão.

Esse depoimento, de um índio da etnia Bakairi do Paranaíba, está estampado numa parede do Museu Rondon, no campus da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá. O museu foi criado em 1972 como centro de pesquisa e divulgação das culturas indígenas no estado.

A dispersão indígena - É um retrato do que aconteceu com muitos povos indígenas, suas terras e sua cultura depois do contato com o homem branco. A maioria das tribos foi obrigada a se separar, deixar as terras de origem, abandonar suas línguas maternas e seus costumes...

Durante anos, os índios ficaram esquecidos. Precisaram vir estudiosos de fora para que o Brasil despertasse interesse por eles, como lembrou o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional/RJ, ao receber o prêmio Erico Vannucci Mendes 2004, na 56ª Reunião Anual (Veja na página 12).

SBPC Indígena - O encontro da SBPC em Mato Grosso, estado onde vivem 39 povos indígenas, teve também mais este destaque: reservou espaço especial para o debate e a troca de depoimentos entre índios e estudiosos das etnias brasileiras. Realizou-se pela primeira vez a "SBPC e a Ciência Indígena".

Os índios participantes criticaram o evento por ter sido uma atividade paralela à Reunião Anual. Mas o saldo foi positivo.

Inscreveram-se 300 índios — 50 a mais que o número esperado. Os não-índios foram minoria: 91. Contudo, como as atividades eram abertas ao público, a organização estima, pela lotação das salas e dos auditórios, que muito mais gente tenha estado presente aos debates.

Quem sabe, a partir dessa experiência, o tema estará inserido em todas as Reuniões Anuais da SBPC. É o que espera Elizabeth Rondon Amarantes.

"Daqui para frente, a SBPC não pode estar alheia à questão indígena. Foi uma semente que lançou-se e que não vai parar por aí, vai vingar", afirma a neta do Marechal Rondon, uma das

Índios querem espaço permanente e integrado nas Reuniões da SBPC

Mais de 300 índios, de diferentes etnias, participaram da "SBPC e a Ciência Indígena", programa paralelo à 56ª Reunião Anual que abriu espaço a debates sobre a preservação dos conhecimentos ancestrais dos povos de Mato Grosso. Por Carla Almeida

organizadoras da programação indígena, através do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Na realidade, a questão indígena tem figurado com frequência na programação científica da SBPC, embora até hoje, de fato, não tenha se constituído num evento autônomo.

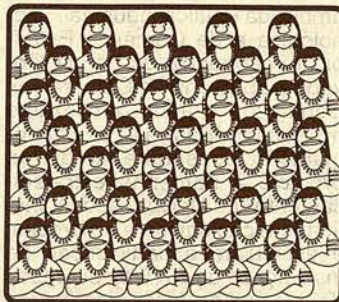
Povos indígenas lutam pela conservação da cultura - Durante três dias, de 19 a 21 de julho, o Museu Rondon foi palco de intensas discussões sobre questões relativas à causa indígena.

Representantes de diferentes etnias tiveram rara oportunidade de expor para lingüistas, antropólogos, missionários e, sobretudo, para outros povos, suas formas de luta para preservar e resgatar parte de sua cultura.

Os relatos apresentados sensibilizaram, visivelmente, índios, brancos, negros e pardos.

Em uma das oficinas, Audecir, da etnia Arara, falou sobre a dispersão histórica e massacres sofridos pelo seu povo no início do século XX. Contou que, em 1920, quando ainda se chamavam Yukapkatan, tiveram o primeiro contato com o branco. Eram três mil. Os brancos, interessados na borracha, foram tomando as terras dos índios, que se dispersaram por outros estados, até se separarem por completo. Só em 1992, apoiados pelo Cimi, começaram a retornar às suas terras, na área do Rio Branco, em Mato Grosso.

Hoje, segundo Audecir, são cerca de 300 e lutam para revigorar a cultura e a língua. No entanto, esbarram numa grande dificuldade: apenas três idosos sabem falar a língua materna do povo. Diante desse desafio, alguns professores Araras — nome dado ao povo pelos



brancos — tomaram então a iniciativa de fazer um dicionário com as palavras que conseguiram coletar junto aos últimos falantes da língua.

Audecir apresentou na ocasião uma pequena amostra dessas palavras. Os lingüistas presentes — Aryon Rodrigues, a maior autoridade brasileira em línguas indígenas nacionais; Ruth Monserrat, da UFRJ, e Ana Suelly Cabral, da UnB — identificaram imediatamente a língua como pertencente ao tronco Tupi, família Mondé.

Creuza, "cacica" da etnia Umutina, também de Mato Grosso, falou de sua tentativa de resgatar a língua de seu povo, que hoje está dividido em grupos menores. O caso também é difícil: apenas duas pessoas conhecem a língua materna.

"É muito difícil. Vêm os brancos e falam para a gente se vestir. Falam que a gente precisa aprender o português. Depois que a gente se acostuma com a roupa e que já perdemos nossa língua, vêm eles de novo e falam para a gente que é importante manter a cultura, falam pra gente ficar pelado de novo e falar nossa língua."

Ter ou não uma escrita? - Na luta para preservar a língua ma-

terna, as tribos — geralmente com a ajuda de lingüistas, educadores e outros estudiosos — têm se esforçado para elaborar uma escrita própria, usando as escolas indígenas como meio de ensiná-la e disseminá-la. Essas iniciativas têm fomentado amplo debate entre pesquisadores indigenistas sobre a real necessidade de os índios terem uma escrita e se ela ajudaria de fato na preservação da língua.

"As comunidades indígenas necessitam da escrita. Se todas as línguas são condenadas à extinção, imagina a língua de um povo em que poucas pessoas a dominam. Essa língua será destruída se a gente não lutar, registrar e fizer com que os professores levem adiante o processo oral e escrito", defende Elizabeth Rondon Amarante.

A lingüista Ruth Monserrat enxerga a questão de modo diferente. Ela vê a escrita como um direito dos índios, mas acha que não é através dela que os índios preservarão sua língua. "Não é na escola que a língua vai ser preservada, é preciso que a língua seja dominada oralmente pelos índios e que eles a falem."

Mas não é isso que vem acontecendo. Para Ruth Monserrat, os índios estão falando cada vez mais português, inclusive nas escolas. Há ainda muita dificuldade para formar os professores índios que serão responsáveis por disseminar a língua escrita.

"Mostrar que a gente existe" - Korotowi, da etnia Ikpeng, aproveitou a ocasião para romper o pessimismo. Ele cursa o 3º grau indígena oferecido pela Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat) e ensina em cinco escolas na língua materna.

Korotowi, que domina a língua de diversas etnias, ofereceu ajuda aos povos interessados em resgatar suas línguas maternas. "Cada um precisa pesquisar sua língua e cultura. É preciso ir atrás dos mais velhos e procurar a ajuda de entidades que nos apóiam", aconselhou.

Ruth Monserrat ressalta, por outro lado, que a língua é apenas um dos instrumentos de luta e uma das ferramentas de poder: "Os índios precisam mesmo é lutar pela terra, por seu espaço dentro da nação."

A participação de comunidades indígenas na Reunião Anual da SBPC, o maior evento científico do Hemisfério Sul, pode dar uma contribuição valiosa na conquista desse espaço.

"É importante estarmos falando sobre nossos problemas, procurando ajuda e cobrando nossos direitos. É importante que as entidades que ajudam a gente nos avisem desses eventos e encontros, para a gente participar mais vezes e mostrar que a gente existe", reiterou Korotowi.

O Brasil inteiro olhando para o céu

MCT aproveita eclipse total da Lua de 28 de outubro para promover noites de observação astronômica em todo o país.

Os Planetários e Clubes de Astronomia de todo o país estão convidados a participar do evento "O Brasil olha para o céu", experimento coletivo em escala nacional que deverá envolver alunos de milhares de escolas e amantes da astronomia.

A atividade é extensão da Semana Nacional de C&T, evento que vai mobilizar cientistas, professores e estudantes de inúmeras instituições brasileiras na

semana de 18 a 24 de outubro.

A Semana buscará motivar a discussão sobre temas relativos à C&T e torná-los mais próximos do cotidiano do cidadão comum, além de difundir amplamente a ciência em todo o país.

Instituída por decreto do presidente Lula, a Semana será realizada anualmente, como acontece em muitos países.

Leia mais sobre o evento no site: <<http://fisica.uems.br/>>

Breves

Ciência Móvel - O ministro da C&T, Eduardo Campos, e o presidente da Academia Brasileira de Ciências, Eduardo Krieger, assinaram na Reunião Anual convênio com investimentos de R\$ 1,5 milhão para o programa Ciência Móvel. O objetivo é criar unidades móveis para incursões pelo país, com atividades de divulgação científica e tecnológica em caráter itinerante. Os termos do edital podem ser vistos nos sites do MCT (www.mct.gov.br) e da ABC (www.abc.org.br).

Pesquisas marítimas - O MCT, por intermédio do CNPq, lançou edital de convocação para projetos em ciências do mar no valor de R\$ 1,63 milhão. Os projetos devem atender a uma abordagem multi e interdisciplinar, envolvendo duas ou mais das seguintes áreas temáticas: manejo costeiro, poluição marinha, recursos vivos, portos e oceano profundo. Saiba mais sobre o edital no site da agência: www.cnpq.br.

Novo diretor do Cetem - É o pesquisador Adão Benvindo da Luz, nomeado pelo ministro Eduardo Campos em 29/7, a partir da lista tríplice elaborada por comitê de busca formado por especialistas do setor mineral. Saiba mais sobre o Centro de Tecnologia Mineral no site www.cetem.gov.br.

Em defesa de nossos patrimônios - Prevista para agosto a implementação do primeiro Centro Tecnológico do Patrimônio Cultural, na Cidade de Goiás. Financiada pelos governos estadual e federal, com apoio do Sebrae-GO, o projeto servirá de piloto para outros dois centros, em Ouro Preto (MG) e Olinda (PE), cidades que, como Goiás, detêm o título de patrimônio da humanidade. A idéia é formar uma rede de pesquisa com os centros.

Mudança na Fapesp - José Arana Varela, professor titular do Instituto de Química da Universidade Estadual Paulista (Unesp), é o novo membro do Conselho Superior (CS) da Fundação paulista. Ele assume a vaga aberta com o término do mandato de Paulo Eduardo de Abreu Machado. A nomeação foi publicada no *Diário Oficial* do Estado de SP de 24 de julho.

Parceria - A Finep firmou, em 28/7, acordo de cooperação tecnológica com a Sociedade Fraunhofer da Alemanha, maior organização de pesquisa aplicada da Europa. A parceira alemã congrega 56 instituições de pesquisa, com um total de 12 mil funcionários. As duas instituições pretendem criar no Brasil uma infra-estrutura de pesquisa aplicada que ajude a suprir as necessidades tecnológicas nacionais.

Psicologia na tela - Já está sendo distribuído pela Sociedade Brasileira de Psicologia o CD-Rom com o resumo de todas as atividades da XXXIII Reunião Anual de Psicologia, que aconteceu em outubro de 2003. Informações pelo fone/fax (116) 625-9366 ou pelo e-mail sbp@netsite.com.br.

Universidade - O reitor da USP, Adolpho José Melfi, foi eleito membro do Conselho Administrativo da Associação Internacional de Universidades (IAU), durante a 12ª Conferência Geral da entidade, em SP, em 28/7. Sediada junto à Unesco, em Paris, a IAU tem como vice-presidente da diretoria executiva outro brasileiro, Flávio Fava de Moraes, ex-reitor da USP.

VAI ACONTECER

Conferências de Agosto da Copea (Coordenação de Programas de Estudos Avançados) da UFRJ - Dia 19/8, Panorama da Matemática — Recent Applications of the Theory of Knots, com Ludwig Faddeev (Steklov Mathematical Institute). Dia 26/8, Magnetismo e Spintrônica, com Sergio Rezende (UFPE). Fone: (21) 2295-1595. Fax: 2295-2346.

Tome Ciência - Programa de TV, patrocínio do Instituto Ciência Hoje e SBPC, apoio da Finep. Semana de 9 a 15/8, *Ciência Olímpica*. Semana de 16 a 22/8, *Água nossa de cada dia*. STV (Net, Sky, DirectTV e Tecsat). 2ª feira, 23h; 3ª, 13h; 4ª, 19:30h; 5ª, 6:30h; 6ª, 17h, Sábado, 15:30h e Domingo, 00h. Site: www.tomeciencia.com.br

Ciência às Seis e Meia - Realização da SBPC/RJ, com apoio da Finep, sempre às 18:30h. Dia 11/8, *Música e matemática: um dueto afinado*, com José Paulo Q. Carneiro (Matemática/Uerj). Dia 8/9, *Astronomia indígena brasileira*, com Germano B. Atonso (Física/UFPR). Local: Espaço Cultural Finep, RJ. Mais informações no site: www.finep.gov.br/espaco_cultural/ciencia_seis_meia.asp

II Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Biotecnologia (CSBBiotec 2004) - De 16 a 20/8, Salvador, BA. Mais informações no site: www.sbbiotec.org.br

VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia - I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos - De 23 a 27/8, Instituto de Letras, Uerj. Fone: (21) 2569-0276. E-mail: pereira@uerj.br; Site: www.filologia.org.br/viicnlf

II Workshop de Parques Tecnológicos - De 25 a 27/8, Porto Alegre, RS. Fone: (51) 3289-1779. E-mail: poatec@smic.prefpoa.com.br; Site: www.tecnopole.palegre.com.br

Workshop on Quantum Computing - De 30/8 a 3/9, Centro Internacional de Física da Matéria Condensada (CIFMC) da UnB, DF. Fone: (61) 307-2569. Fax: 307-1771. E-mail: iccmpev@unb.br

II Encontro Internacional de Filosofia e Educação e II Fórum do Sudeste de Ensino de Filosofia - De 9 a 11/9, Uerj, RJ. E-mails: socrates@uerj.br; Site: www2.uerj.br/~socrates

BioEd 2004: Biologia, Desenvolvimento Sustentável, Ética e Cidadania - De 13 a 18/9, RJ. Mais informações no site: www.fiocruz.br/bioed/index_pt.html

II Congresso Mundial de Educação Ambiental - De 13 a 18/9, Hotel Glória, RJ. Mais informações pelo e-mail: 2weec@fiocruz.br; site: www.fiocruz.br/2weec

XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal de Santa Catarina - Dias 23 e 24/9, junto com a 4ª Sepex (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão). Fone (48) 331-9332. E-mail: dap@reitoria.ufsc.br; site: www.dap.ufsc.br/sic04

I Simpósio de Entomologia da Universidade Federal de Viçosa - De 26 a 30/9, UFV, MG. Estão programadas palestras, mini-cursos e mesas-redondas. Site: www.pos.entomologia.ufv.br/simposio

Simpósio Internacional sobre Alta Pressão Hidrostática em Biociência e Biotecnologia - De 27 a 30/9, RJ. Mais informações no site: www.bioqmed.ufrj.br/hpbb2004

2º Workshop Internacional de Células a Combustível - Dias 21 e 22/10, Centro de Convenções da Unicamp, SP. Mais detalhes no site: www.ifi.unicamp.br/ceneh/2workshop

8º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico - De 24 a 27/10, Salvador, BA. Promovido pela Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC). Mais informações no site da ABJC: www.abjc.org.br

V Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais - De 25 a 28/10, Curitiba, PR. E-mail: cbsaf@cnpf.embrapa.br; Site: www.cnpf.embrapa.br

IV Semana de Atualização Agronômica 'Biotecnologia, desenvolvimento, ética e segurança' - De 25 a 29/10, Faculdade de Agronomia da UFBA, Cruz das Almas, BA. Site: www.petagr.ufba.br

XVI Salão de Iniciação Científica e XIII Feira de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - De 25 a 29/10, Escola de Educação Física/Esef, Campus Olímpico da UFRGS. Fones: 3316-4102. E-mail: salao@propesq.ufrgs.br; Site: www.ufrgs.br/propesq

XXXIV Reunião Anual de Psicologia - De 26 a 29/10, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP/Ribeirão Preto, SP. Fone/fax: (16) 625-9366. E-mail: sbp@sbponline.org.br; Site: www.sbponline.org.br

2º Simpósio Internacional sobre Gerenciamento de Resíduos nas Universidades - De 3 a 5/11, Santa Maria, RS. Mais informações no site: www.ufsm.br/isrmu

XI Reunião de Paleobotânicos e Palinólogos - De 7 a 10/11, Gramado, RS. Mais informações no site: www.exatec.unisinos.br/rpp2004

Simpósio Internacional Fronteiras na América Latina: desenvolvimento e integração e Reunião da Rede Internacional de Estudos do Programa América Latina em Diálogo Intercultural - De 8 a 12/11, Santa Maria, RS. E-mail: america@mail.ufsm.br; Site: www.ufsm.br/america

I Latin American Protein Society Meeting - De 8 a 12/11, Angra dos Reis, RJ. O número de participantes é restrito a 400. Inscrições e submissão de resumos de trabalhos são feitas no site do LNLS: www.lnls.br/lapsm

2º Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto - De 10 a 12/11, Aracaju, SE. Site: srgsr.cpatc.embrapa.br

Concurso

Professor-doutor e titular do Depto. de Física da USP - Inscrições até 27/9 para doutor e até 3/12 para titular. Mais informações pelo e-mail: ataac@if.usp.br ou no site: www.if.usp.br/concursos

Livros & Revistas

Um só mundo: A ética da globalização, de Paul Singer. O autor avalia quatro tópicos — mudanças climáticas, o papel da Organização Mundial do Comércio, a relação entre direitos humanos e intervenção humanitária, e a ajuda externa — sob a ótica do mundo globalizado. Para ele, à medida que os países se aproximam a fim de resolver problemas comuns, os líderes das nações devem incorporar um ponto de vista mais amplo que o simples interesse nacional. Editora Martins Fontes. Site: www.martinsfontes.com.br

Neuropsicologia Hoje, de Vivian Maria Andrade, Flávia Heloísa Santos e Orlando F. A. Bueno. De maneira abrangente, o livro aborda, do ponto de vista da neuropsicologia, os principais momentos da evolução humana (infância, adultez e velhice), contemplando quadros clínicos específicos dessas idades. Fornece protocolos de avaliação, estudos de casos e um rol de testes padronizados para a população brasileira. Ed. Artes Médicas. Site: www.artesmedicas.com.br

Os usos sociais da ciência - Por uma sociologia clínica do campo científico, de Pierre Bourdieu. O livro foi editado a partir do último curso ministrado pelo autor no Collège de France, em 1997. Analisa os mecanismos sociais que orientam a produção científica e sua inserção na sociedade, a representação que os cientistas fazem de seu próprio trabalho, além do processo de construção de verdades científicas. Editora Unesp. Site: www.editoraunesp.com.br

Boletim do Centro de Pesquisas e Processamento de Alimentos (Ceppa), vol. 22, jan-jun/2004. A publicação da UFPR traz artigos sobre a produção de micotoxinas; a farinha mista de trigo e berinjela; produção de suco de abacaxi através de resíduos da indústria conserveira; avaliação da barra de cereais caseira e da qualidade da aguardente de cana; características físico-químicas do arará, entre outros. E-mail: ceppa@engquim.ufpr.br

Avaliação de fontes de informação na Internet, de Maria Inês Tomáel e Marta Lúcia Pomim Valentim (orgs.). Apresenta critérios de qualidade que podem ser aplicados às fontes de informação existentes na Internet, que permitem avaliar os conteúdos informacionais encontrados na rede. O objetivo é auxiliar na qualidade da pesquisa, dos pesquisadores que utilizam fontes de informação eletrônica. Eduei. Site: www.uel.br/editora

Prêmio para jovens talentos da ciência

Aldair Gomes Lopes, 15 anos, foi o grande vencedor do Prêmio Cientistas de Amanhã, cujo resultado foi anunciado no encerramento da Reunião Anual.

O estudante — do Projeto Jovem Pesquisador das Escolas Estaduais Josué Cláudio de Souza e Aristóteles Conte de Alencar — desenvolveu o trabalho "O papel do mogno (*Swietenia macrophylla king*) no processo de trocas gasosas entre biosfera e atmosfera". Ele analisou a capacidade de assimilação de CO₂ em mudas de mogno.

Os resultados indicaram que o potencial de sequestro de carbono da planta justificam o interesse em manejar a espécie para o reflorestamento, assim como incentivam sua preservação.

Aldair e sua orientadora, Rosana de Miranda Rocha, viajarão para Paris, onde deverão visitar instituições científicas e culturais francesas, com o patrocínio do Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (Cendotec).

Este ano, além do prêmio oferecido pelo Cendotec, três trabalhos ganharam premiações especiais. Maycon Rodrigues Gozer, do Colégio Vicentino Santa Cruz, de Campo Mourão, Paraná, recebeu o Prêmio Ministério do Meio Ambiente pelo trabalho "Estudos de impacto de borda do Rio Canelá".

O Prêmio Ministério da Educação foi para Saulo Machado Moreira Sousa, do Colégio Dom Bosco e Centro Universitário da Tijuca, RJ, pelo trabalho "Anapnema: Realidade Virtual ao alcance de todos".

A estudante Gabriela da Silva Machineski, do Colégio Estadual Prof. José Aloísio Aragão, Londrina, PR, recebeu o Prêmio Fundação Oswaldo Cruz (Fio-cruz) por seu estudo "Desenvolvimento inicial de bractíngia inoculada com rizóbios nativos e uma espécie de fungo micorrízico arbuscular em solo desinfestado - Possível opção para recuperar áreas degradadas".

Os demais finalistas receberam menções honrosas pela excelência de seus trabalhos. São eles: Aline Riccioni de Melos, do Colégio Militar de Campo Grande, MS; Nessim Abadi, da Escola Brasileira Israelita Chaim Nachman Bialik, SP; Gustavo Guerra Fernandes, do Colégio Poliedro/Clube de Ciências Quark, SP; Larissa Teixeira de Carvalho Dias, da Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco, PB; Leonardo Moura Leal, Colégio Sinodal de São Leopoldo, RS; Nádia Spode, Colégio Sinodal de São Leopoldo, RS; Marcelo Oliveira da Silva, da Escola Educação Guarani da Região Sul e Sudeste do Brasil, ES (*hour-concours*).

JORNAL da CIÊNCIA

PUBLICAÇÃO DA SBPC • 6 DE AGOSTO DE 2004 • ANO XIX Nº 534

Natureza como longa obra cultural

Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional/UFRJ, recebe o Prêmio Érico Vannucci Mendes na Reunião Anual da SBPC, e defende a revisão de nossas idéias sobre a natureza e a cultura.

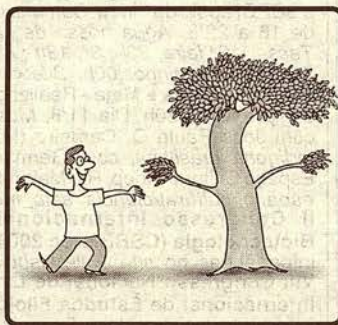
A intelectualidade do Brasil manifesta grande ignorância e descaso em relação aos povos indígenas que vivem em nosso território. Historicamente à margem da grande mídia brasileira, eles aos poucos começam a ter voz, mas apenas após terem sido valorizados no exterior.

Quem assim pensa é o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, professor e pesquisador do Museu Nacional da UFRJ. Ele expôs suas idéias e propostas na conferência que proferiu na Reunião Anual da SBPC, por ter recebido o Prêmio Érico Vannucci Mendes 2004.

Viveiros de Castro fez um balanço de sua carreira, explicou sua opção pela antropologia e apresentou, resumidamente, aspectos das pesquisas que desenvolveu entre os Yawalapiti, no Mato Grosso, e os Araweté, no Pará. Ao final de sua palestra, denunciou a maneira como a sociedade brasileira concebe os povos indígenas e a Amazônia.

O antropólogo criticou especialmente a forma como a maioria dos ambientalistas enxerga nos índios os detentores de "segredos da floresta" desconhecidos pela ciência ocidental. "As culturas indígenas são valorizadas por se constituírem em um reservatório de tecnologias úteis para a exploração adequada da Amazônia", avalia. Viveiros de Castro considera essa postura "uma atitude utilitarista e etnocêntrica, que parece só admitir o direito à existência dos outros se estes servirem a algo para nós".

O pesquisador enxerga também um "erro grosseiro" na forma como muitos vêem a Floresta Amazônica como uma mata virgem, um vazio demográfico à espera da ocupação humana.



"Boa parte da cobertura vegetal amazônica é fruto de milênios de intervenção humana; a maioria das plantas úteis da região proliferaram em função das técnicas indígenas de aproveitamento do território".

Para que se desfaçam esses equívocos históricos, ele recomenda que abandonemos a perspectiva antropocêntrica e revejamos a forma como pensamos os conceitos de natureza e cultura e as relações entre eles. "O que chamamos de 'natureza' é parte e resultado de uma longa história cultural", denuncia. "A Floresta Amazônica condicionou tanto a vida humana quanto foi condicionada por esta."

Segundo o pesquisador, essa é a maior lição que os antropólogos tiraram do contato com os índios — em vez de simplesmente aprender a respeitar a natureza, como quer o ingênuo senso comum. E é justamente essa nova perspectiva a maior contribuição da antropologia para que repensemos o discurso importado da ecologia que caracteriza o ambientalismo brasileiro. "Cada sociedade tem a natureza que merece. Cabe-nos decidir qual é a nossa", conclui. (Bernardo Esteves, CH On-line)

Rio sedia 9ª Reunião da Red Pop

O novo encontro da Rede de Popularização da C&T para América Latina e o Caribe (Red Pop) será realizado de 8 a 10 de abril de 2005, no RJ. Inscrições de trabalhos abertas até 30 de setembro.

Com tema central "Cultura científica e inclusão social", o evento tem por objetivo propiciar a reflexão e o intercâmbio de idéias e experiências sobre divulgação e popularização da C&T. Especial atenção será dada à inclusão social e à interação consciente do público com o caráter científico-tecnológico da sociedade contemporânea.

Se você está interessado em

participar, envie sua proposta de trabalho até 30 de setembro, podendo apresentá-lo em sessão oral, ou em forma de pôsteres na sessão-cartaz.

Haverá inúmeras conferências, palestras e mesas-redondas a cargo de convidados do comitê organizador.

Saiba mais visitando o site <www.redpop.org/pagina%20portugues/homep.html>

Arte, belo meio de divulgar a ciência

Simpósio na Reunião Anual da SBPC apresentou três experiências distintas de busca de novas e criativas formas de realizar divulgação científica.

Carlos Palma, da ACP Cultural, de SP, que mantém o trabalho *ArteCiência no Palco*, contou que há apenas um ano e meio aderiu à divulgação científica. "Nunca me interessei pela ciência, que achava chata, lógica, racional, sem possibilidade de abstração", revelou o ator, que mudou de idéia na Casa da Ciência da UFRJ.

Em março de 1998, Palma estreou a peça *Einstein*. "O que fazemos é sobretudo teatro; divulgação científica é o resultado", afirmou.

Ele não deixa de discutir com os integrantes do grupo *Ciência no Palco* a necessidade de entender os princípios, as idéias, para transmiti-las com arte.

O grupo já encenou outras peças, como *Copenhague*, do inglês Michel Frayn, que considerou "excelente" a montagem brasileira. Palma reclama da ausência de textos nacionais sobre a ciência e faz um apelo à dramaturgia brasileira para que produza peças que despertem o interesse pela ciência.

DNA pernambucano - Paulo Faltay, professor do Departamento de Fisiologia e Farmacologia da UFPE e assessor especial do Espaço Ciência, propôs a quatro artistas plásticas trabalhos para as comemorações do cinquentenário da descoberta do DNA. Gaby, Francisca, Biggy e Fabíola propuseram uma "instalação" e, em novembro de 2003, a exposição *Travessia* incluiu três instalações e quatro trabalhos individuais sobre o DNA e a dupla hélice, em Recife.

"A ciência estuda e representa a cultura. A cultura estuda e representa a ciência. A tecnologia facilita a expressão. A arte e a ciência provocam emoção", filosofa Paulo Faltay.

Ciência e samba - Isabel Azevedo, gerente de Projetos da Casa da Ciência da UFRJ, relatou o trabalho de parceria com duas escolas de samba cariocas. "Arte, cultura e ciência são coisas que caminham juntas", disse.

Em 2003, a instituição elaborou o enredo "A Vida de Portinari", da Paraíso do Tuiuti. A experiência levou ao encontro com o carnavalesco Paulo Barros e à parceria, neste ano, com a Unidos da Tijuca, que levou o segundo lugar do carnaval carioca com o enredo "O sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível".

"É possível fazer ciência fora do muro das Universidades", conclui Isabel. (Flamínio Araripe)